



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM SISTEMAS AGROINDUSTRIAIS (PPGSA)

DOUGLAS DA SILVA CUNHA

UM ESTUDO SOBRE OS SETORES ECONÔMICOS BRASILEIROS
FRENTE AO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

POMBAL - PB

2017

DOUGLAS DA SILVA CUNHA

UM ESTUDO SOBRE OS SETORES ECONÔMICOS BRASILEIROS
FRENTE AO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Campina Grande como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Sistemas Agroindustriais do PPGSA\CCTA.

Orientadores: Prof^o. D. Sc. Patrício Borges Maracajá

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL
CAMPUS POMBAL/CCTA/UFCG**

DIS

C972e

Cunha, Douglas da Silva.

Um estudo sobre os setores econômicos brasileiros frente ao processo de globalização / Douglas da Silva Cunha. – Pombal, 2017.

64f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Sistemas Agroindustriais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Patrício Borges Maracajá".

1. Economia brasileira. 2. Setores econômicos. 3. Globalização – Impactos econômicos. I. Maracajá, Patrício Borges. II. Título.

UFCG/CCTA

CDU 338.4(81)(043)

DOUGLAS DA SILVA CUNHA

UM ESTUDO SOBRE OS SETORES ECONÔMICOS BRASILEIROS
FRENTE AO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

Aprovada em: ____ / ____ / 2017

BANCA EXAMINADORA:

Prof D.Sc. Patrício Borges Maracajá (UFCG/CCTA) - Orientador

Prof. D. Sc. Francivaldo Gomes Moura (UFCG/CDSA) – Examinador Interno

Prof D.Sc. Aline Costa Ferreira (UFCG/CCTA) - Examinadora Interno

Prof^a. D. Sc. Ana Paula Medeiros dos Santos Rodrigues - Examinadora Externa

À minha esposa e aos meus filhos,
dedico este trabalho

AGRADECIMENTOS

A DEUS, a gratidão máxima, pois foi Ele quem nos deu toda a energia necessária à produção deste trabalho, cuja conclusão, representa uma grande vitória em minha formação profissional;

Ao Prof. DSc. **PATRÍCIO BORGES MARACAJÁ**, pelos valiosos momentos de interlocuções, confiança, atenção e apoio, como orientador, sem medir esforços, ofereceu oportunidades na produção deste trabalho.

E, em especial, à minha esposa Hislany pelo incentivo, companheirismo e generosidade com que assumiu como suas as minhas atribuições familiares, sem limite e exigências, ao longo de todo o trabalho.

A meus pais, Divonaldo e Maria Solange, meu infinito agradecimento. Sempre acreditaram em minha capacidade e me acharam O MELHOR de todos, mesmo não sendo. Isso só me fortaleceu e me fez tentar, não ser O MELHOR, mas a fazer o melhor de mim. Obrigado pelo amor incondicional!

À minha família pelo apoio com que me brindam nas aventuras em que me envolvo. Em especial, agradeço por aceitarem algumas ausências, recolhimentos em tempos de dificuldade e realizações.

Aos amigos Ozildo e Rosélia pelos ensinamentos, orientações, incentivo, amizade e dedicação. Vocês estiveram ao meu lado durante esses dois anos, e não mediu esforços para me ajudar, sempre com uma solução simples para os meus problemas que pareciam ser gigantes.

A todos (as) do Programa de Pós-Graduação em Sistemas Agroindustriais (PPGSA) – mestrado profissional, que sempre me atenderam com simpatia e disposição, colaborando com minhas necessidades.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para que fosse possível a realização desse trabalho, o meu muito obrigado.

Ninguém vence sozinho... OBRIGADO A TODOS!

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que teve por objetivo promover uma abordagem sobre os setores econômicos brasileiros frente ao processo de globalização. O avanço tecnológico registrado na segunda metade do século passado trouxe implicações para o mundo econômico, fazendo com que o capitalismo a partir da década de 1980 conhecesse um processo de aceleração sem precedentes, que resultou na quebra de barreiras e na abertura de novos cenários econômicos, definindo uma nova tendência do mundo atual. Esse processo de aceleração sem precedentes passou a ser definido como globalização. Deve-se ressaltar que a globalização da economia tornou os mercados financeiros mais rápidos, de forma que os resultados dos impactos produzidos por esse processo na economia de um país (ou blocos de países) podem ser sentidos em poucos dias, provocando perdas ou ganhos, dependendo da conjuntura econômica mundial. Com a realização da presente pesquisa constatou-se no Brasil os efeitos da globalização foram mais fortes sobre o setor agrícola. Contudo, não quer dizer que este processo não tenha também trazido implicações para outros setores da economia brasileira. A queda das barreiras alfandegárias em muito contribuiu para modificar os aspectos que até então vinham sendo apresentados pelos setores produtivos nacionais, mostrando a estes que precisam ser mais competitivos, frente às exigências do mercado mundial.

Palavras-chave: Setores Produtivos Nacionais. Globalização. Impactos Diretos.

ABSTRACT

It is a bibliographical research whose objective was to promote an approach on the Brazilian economic sectors in the face of the globalization process. The technological advance registered in the second half of the last century had implications for the economic world, causing capitalism from the 1980s to see an unprecedented process of acceleration that resulted in the breaking down of barriers and the opening of new economic, Defining a new trend in the world today. This unprecedented acceleration process has come to be defined as globalization. It should be noted that the globalization of the economy has made financial markets faster, so that the results of the impacts produced by this process on the economy of a country (or blocks of countries) can be felt in a few days, causing losses or gains, Depending on the world economic scenario. With the accomplishment of the present research it was verified in Brazil the effects of globalization were stronger on the agricultural sector. However, it does not mean that this process has not also had implications for other sectors of the Brazilian economy. The fall in customs barriers has greatly contributed to modify the aspects that until then had been presented by the national productive sectors, showing to them that they need to be more competitive, in front of the demands of the world market.

Keywords: National Productive Sectors. Globalization. Direct Impacts.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Fases da globalização.....	15
QUADRO 2	Enfoques desencadeados pela globalização.....	22
QUADRO 3	As multinacionais que controlam a economia mundial.....	29
QUADRO 4	Características dos principais países emergentes.....	31
QUADRO 5	As 100 desafiantes globais por país de origem.....	33
QUADRO 6	Vantagens específicas das MNEs.....	36
QUADRO 7	Estratégias adotadas pelas MNEs.....	37
QUADRO 8	Modalidades de monopólio.....	42
QUADRO 9	Setores econômicos e suas respectivas estruturas.....	51
QUADRO 10	PIB: Participação setorial relativa.....	52

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Impactos da globalização da economia mundial sobre os países capitalistas centrais, periféricos e semiperiféricos.....	20
FIGURA 2	Globalização: Um mundo interligado.....	25
FIGURA 3	A Teia (Empresas Superconectadas).....	28
FIGURA 4	Países que formam o BRIC.....	31
FIGURA 5	Formação de cartel.....	48

LISTA DE SIGLAS

BRIC	Brasil, Rússia, Índia e China
CEI	Comunidade Econômica Independente
ETCGROUP	Action Group on Erosion, Technology and Concentration
EUA	Estados Unidos da América
FM	Fundo Monetário Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFTS	Instituto Federal de Tecnologia da Suíça
MDICE	Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MNEs	Novas Multinacionais
NAFTA	North American Free Trade Agreement (Tratado Norte-americano de Livre Comércio)
OPEP	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
PIB	Produto Interno Bruto
PPC	Paridade do Poder de Compra
UBS	Union de Banques Suisses
UE	União Europeia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO.....	13
2.1 GLOBALIZAÇÃO: Construindo um conceito.....	13
2.2 FASES DA GLOBALIZAÇÃO.....	15
2.3 A GLOBALIZAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS.....	19
3 GLOBALIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO MUNDIAL.....	24
3.1 GLOBALIZAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO EM EXTENSÃO.....	24
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ECONOMIA GLOBALIZADA.....	39
4 A COMPETITIVIDADE NA GLOBALIZAÇÃO.....	41
4.1 ESTRUTURA DE MERCADO.....	41
4.2 OS SETORES ECONÔMICOS E O PIB BRASILEIRO.....	50
4.3 SETORES ECONÔMICOS BRASILEIROS FRENTE À GLOBALIZAÇÃO....	53
4.4 OS IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO SOBRE O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

O processo de globalização que se desenvolve no mundo atual tem produzido inúmeras transformações, principalmente, de natureza socioeconômica, que não refletem apenas no meio econômico, mas em todos os cenários da vida humana. É cada vez maior a competitividade entre as empresas e esta realidade tem feito da qualidade o fator essencial para sobrevivência das organizações, determinando a permanência destas no mercado, que, cada dia, torna-se mais competitivo.

Esse processo, que por sua vez, começou na década de 1980, acelerou os mercados internacionais, incentivou o homem a produzir mais e mais. De acordo com Singer (2008), esse período é denominado de Terceira Revolução Tecnológica' e é caracterizado pela constante busca pelo lucro e pela conquista de novos mercados.

Para o desencadeamento desse processo fortemente contribui a queda das barreiras comerciais, proporcionada, principalmente, pela associação da tecnologia de informática à tecnologia de telecomunicações. Tal fato aproximou os mercados internacionais, possibilitando a movimentação de grandes quantias de valores (SILVA, 2001).

Após a implantação desse sistema econômico, o mercado financeiro saiu da mão dos bancos e os especuladores ganharam maior poder de competitividade. Registrou-se também uma maior exposição das economias nacionais, reduzindo a liberdade dos governos nacionais (SPOHR; SILVEIRA, 2015).

A escolha do referido tema é justificável, pois do ponto de vista social o estudo contribuirá para uma maior compreensão acerca da globalização e de seus impactos no cenário econômico, permitindo entender melhor como vem ocorrendo a competitividade no âmbito empresarial.

O procedimento metodológico escolhido para este trabalho trata-se de pesquisa bibliográfica, a qual foi realizada a partir da leitura de livros, revistas, boletins técnico-científicos, artigos on-line, etc. Esse tipo de pesquisa de caráter exploratório reveste-se de significativa importância porque através dela é possível o pesquisador entrar em contato direto com tudo o que foi produzido sobre o assunto, que é objeto de seu trabalho.

Dentro deste contexto, o presente tem como objetivo geral promover uma abordagem sobre os setores econômicos brasileiros frente ao processo de globalização. E, como específicos os seguintes: contextualizar teoricamente a globalização econômica, relacionando-a ao conceito de competitividade; identificar os impactos da globalização nos setores da economia brasileira.

Para atingir os objetivos acima, a presente dissertação foi estruturada em três capítulos. No primeiro, abordou-se a evolução histórica do processo de globalização, apresentando um conceito para o termo 'globalização', discutindo suas fases e apresentando suas consequências.

No segundo capítulo discutiu-se a globalização e a transformação mundial, focalizando globalização enquanto fenômeno em extensão e caracterizando a economia no mundo atual. No último capítulo abordou-se a competitividade na globalização, mostrando-se como se apresenta as estruturas de mercado, abordando as variações do PIB brasileiro, descrevendo os setores econômicos nacionais frente ao processo globalizado e mostrando os impactos sofridos no agronegócio brasileiro mediante o processo de globalização.

2 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

Ao longo de seu processo histórico, o capitalismo vem se caracterizando como sendo um sistema pautado na interdependência econômica e na política entre as nações. E estas características não somente contribuíram para o funcionamento desse sistema econômico como também para o seu fortalecimento.

O avanço tecnológico registrado na segunda metade do século passado trouxe implicações para o mundo econômico, fazendo com que o capitalismo a partir da década de 1980 conhecesse um processo de aceleração sem precedentes, que resultou na quebra de barreiras e na abertura de novos cenários econômicos, definindo uma nova tendência do mundo atual. Esse processo de aceleração sem precedentes passou a ser definido como globalização.

2.1 GLOBALIZAÇÃO: Construindo um conceito

Em Economia, inúmeras são as definições apresentadas para o termo globalização. Fundamentalmente, todas elas fazem referência à associação entre a informação/comunicação e as novas tecnologias. Construindo um conceito para o referido termo, Santos (2001, p. 51) afirma que:

A globalização primeiramente se refere à rede de produção e troca de mercadorias que se estabelece em nível mundial. Também designa o fenômeno do intercâmbio político, social e cultural entre as diversas nações, atualmente intensificado pelas profundas transformações decorrentes da aplicação das inovações científicas e tecnológicas na área da comunicação.

A globalização envolve uma crescente interdependência econômica, ambiental e de segurança em escala planetária, exigindo que os países subordinem-se a um sistema internacional cada vez mais integrado e interligado, sob pena de isolarem-se dos ganhos e benefícios da modernidade.

Afirma Leão (2004, p. 105), que, basicamente, o termo globalização:

[...] sugere a ideia de que uma sociedade coesa, fechada e uma economia doméstica já não se sustentam ante o avance de uma economia e uma sociedade efetivamente globais, sendo a vida cotidiana dependente e movida por forças globais.

Definida como um fenômeno de mundialização dos processos econômicos, a globalização encontra-se diretamente relacionada ao desenvolvimento¹ e à consolidação da economia tecnológica avançada, produzindo um novo ciclo de expansão do capitalismo, revelando um conjunto de transformações econômicas.

De acordo com Carvalho; Silva (2000, p. 272):

Independente da interpretação que se dê à palavra globalização, pode-se afirmar que caracteriza um processo que vem transformando a economia mundial contemporânea. Do ponto de vista econômico, a diferença básica entre as interpretações diz respeito à importância que se atribui a essas transformações.

Com o processo crescente da globalização, as distâncias geográficas, entre os países, foram atenuadas. E isto vem permitindo que os fluxos comerciais e financeiros girem com relativa facilidade e rapidez, entre diferentes países.

Segundo Pires e Reis (2009, p. 31):

[...] a globalização pode ser entendida também como uma nova modalidade de acumulação de capital. Em momentos anteriores a principal estratégia de acumulação capitalista concentrava-se na extensão da produção de valor e de mais valia. Nesta nova modalidade da acumulação, a apropriação de riquezas é resultado, principalmente, de atividades especulativas do mercado financeiro.

Nesse sentido, pode-se constatar que a globalização é resultante do avanço do capitalismo, sendo um processo com implicações que vão além do modo de produção, encontrando-se centrado na acumulação de capital, determinando novas regras para uma sociedade global, ao mesmo tempo em que reforça as especulações financeiras.

Completando esse pensamento, Lastres; Albagli (2009, p. 12) afirmam que a globalização vai:

¹ É importante assinalar que desenvolvimento desencadeado pelo processo de globalização encontra-se mais ligado ao aumento de produção, onde se alcançou uma grande dimensão, diferentemente do campo social, no qual os problemas continuam e, em muitos casos, se acentuaram, face à redução de empregos. Assim, à medida que a economia cresce em larga escala, o desenvolvimento social fica à margem desse crescimento. Os reflexos negativos desse processo são mais visíveis nos países pobres, considerados periféricos ou semiperiféricos. No entanto, as desigualdades sociais também estão presentes nos países em desenvolvimentos, que deveriam possuir um maior desenvolvimento social. Nas grandes, as tensões sociais, a insegurança e a violência urbana, aumentaram de forma significativa, visto que os reflexos negativos da globalização contribuíram para que grande parte da população fosse excluída do mercado de trabalho (PEDUZZI, 2003).

[...] além do processo de internacionalização da economia uma vez que envolve a interpenetração da atividade econômica e das economias nacionais em nível global. A globalização é aqui entendida não tanto pelo peso do comércio internacional na economia de cada nação, mas fundamentalmente como expressando o fato de que as economias nacionais agora funcionam efetivamente e em tempo real como unidades de um todo global.

Como um processo ainda em desenvolvimento, a globalização encontra-se associada à expansão do capital e da tecnologia, produzindo uma maior interdependência econômica entre os países em todo mundo. E, à medida que gera um maior volume de transações de bens e serviços entre eles, aumenta os fluxos de capitais.

2.2 FASES DA GLOBALIZAÇÃO

O processo de globalização, diferente do que muitos pensam não teve início no século XX. Ele foi se estruturando ao longo dos séculos e se projetou com maior intensidade a partir do início da segunda metade do século XX, graças o desenvolvimento registrado nos meios de comunicação, permitindo o encurtamento das distâncias entre os povos.

De acordo com Singer (2008), as origens do processo de globalização remontam ao século XV e foram se aprofundando à medida que a economia-mundo capitalista evoluía-se, o que permitiu a consolidação desse processo no século XX, graça ao desenvolvimento tecnológico. E, que ao longo de sua evolução, a globalização passou por diferentes momentos históricos.

Em sua evolução histórica, a globalização foi se desenvolvendo por fases e cada fase apresenta características próprias, resultantes da forma de desenvolvimento registrado em sua época. O Quadro 1 apresenta as fases da globalização, assinalando suas características básicas.

QUADRO 1 - Fases da globalização

FASE	PERÍODO	CARACTERÍSTICA
Primeira	1450-1850	Expansionismo mercantilista
Segunda	1850-1950	Industrial-imperialista-colonialista
Terceira	1950-1989	Descolonização- Guerra Fria - Reestruturação produtiva
Globalização recente	Pós-1989	Declínio do Estado-Nação - Reestruturação do sistema interestatal

Fonte: Adaptado de Lemos (2007).

De acordo com o Quadro 1, a primeira fase da globalização iniciou-se com o mercantilismo. Naquela época, os continentes encontravam-se separados por intransponíveis extensões acidentadas de terra, de oceanos e mares, de forma que a expansão geográfica da economia somente foi desencadeada pelas grandes navegações.

Na opinião de Carvalho; Silva (2000), essa expansão significou, com o passar do tempo, a eliminação de outros sistemas mundiais, bem como a absorção de outros sistemas menores.

Essa primeira fase não somente assegurou o estabelecimento dos primeiros estabelecimentos comerciais europeus na Índia, China e Japão, como também contribuiu para que os conquistadores europeus passassem a ocupar as terras do Novo Mundo, representadas pelo continente americano.

Informa Singer (2008), que a partir do final do século XVIII, inúmeras fábricas surgiram na Inglaterra, Bélgica, França, Suíça, Alemanha e nos Estados Unidos, assinalando um desenvolvimento marcante, principalmente, nos setores têxtil e metalúrgico, que aproveitaram a mão de obra disponível, que se deslocou do campo para as cidades.

A segunda fase da globalização, definida como sendo a era industrial-imperialista-colonialista, durou de 1850 a 1950. Nesse período, ocorreu o desenvolvimento capitalista da indústria, iniciado na Inglaterra, através da instalação da indústria mecanizada, multiplicando-se as fábricas. Após a Revolução Industrial, os países industrializados passaram a defender o livre-cambismo (o preço melhor vence), nas relações externas, impondo medidas de proteção para a indústria local.

Segundo Singer (2008), durante a terceira fase da globalização, a humanidade enfrentou duas grandes guerras mundiais e assistiu a ascensão do socialismo, após a revolução Bolchevique de 1917. Um fato marcante dessa fase foi a divisão do mundo em países capitalistas e socialistas.

A Guerra Fria terminou em 1991, face o fim da União Soviética por não possuir capacidade para competir no plano econômico e tecnológico com os Estados Unidos, o que produziu o desmoronamento do sistema socialista do Leste Europeu. Na última década do século XX, a China comunista que desde a década de 1970 vinha adotando reformas, visando sua modernização, abriu-se em várias zonas especiais para a implantação de indústrias multinacionais.

Registra Lemos (2007), que a quarta fase da globalização vem se caracterizando pelo esforço de reestruturação produtiva visando à superação dos problemas enfrentados pela economia-mundo capitalista, bem como pelo fim do Welfare-State (Estado de Bem-Estar Social), produzido pelo declínio do fordismo.

As principais características da globalização recente são o declínio do Estado-Nação e a reestruturação do sistema interestatal para fazer frente à crise da economia-mundo capitalista na era contemporânea.

De acordo com Alcoforado (2006, p. 152):

O processo de globalização colocou em xeque não apenas a capacidade do Estado-Nação em controlar suas economias, mas principalmente a soberania popular que está ameaçada no confronto com o poder financeiro, comercial e tecnológico das gigantescas empresas e bancos transnacionais. O poder de decisão sobre investimentos e, conseqüentemente, sobre o crescimento e desenvolvimento das nações está sendo transferido paulatinamente para essas organizações. Isto significa dizer que a própria soberania popular está comprometida. O governo e os Parlamentos de muitos países estão perdendo cada vez mais poderes. Fala-se até mesmo que o novo Leviatã é o mercado sob a liderança das empresas transnacionais. Isto significa dizer, também, que os partidos políticos lutarão pela conquista de um poder nacional cada vez mais ofuscado pelas empresas transnacionais.

O declínio do Estado-Nação representa a perda da capacidade do estado em constituir uma economia nacional em seu território e sob o seu controle. O fortalecimento das organizações internacionais tem corroído as economias nacionais. Essas organizações, que vem assumindo dimensões multinacionais e transnacionais, têm transformado a divisão internacional do trabalho, construindo centros internacionais e redes de transações econômicas que estão fora do controle do governo dos Estados.

Assim, seguindo um processo natural, a globalização irá cada vez mais reduzindo o poder dos estados nacionais, fazendo com que sejam substituídos por novas instituições supranacionais.

Segundo Lemos (2007), diante dos impactos produzidos pela globalização e para assegurar a coordenação global em suas políticas econômicas, os países capitalistas mais desenvolvidos criaram G-7 (Estados Unidos, Japão, Canadá, Alemanha, França, Inglaterra e Itália)².

² O G-7 surgiu nos idos dos anos de 1970, reunindo os sete países mais ricos do mundo capitalista daquele momento: Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá. Em 2008, o G-7 abarcava 42% da produção econômica global (medido em termos de poder de paridade de compra) e apenas 12% da população do planeta (ALCOFORADO, 2006).

No entanto, vários blocos econômicos regionais e intercontinentais também foram constituídos. Assim, surgiu o NAFTA, a União Europeia, a Comunidade Econômica Independente (a ex-URSS), o MERCOSUL e o Japão com os tigres asiáticos e por último, o G-20. De forma que este é o cenário econômico do mundo atual globalizado.

Informa Alcoforado (2006), que o NAFTA é uma zona de livre comércio constituída pelos Estados Unidos, Canadá e México que entrou em vigor em janeiro de 1994, tendo sua criação sido motivada pela necessidade de consolidar o processo de integração econômica da América Norte, que, naquele período, já possuía um intenso fluxo comercial entre os países da região.

Por outro lado, a União Europeia (UE) é uma união econômica e política de 27 Estados-membros independentes, que estão localizados principalmente na Europa.

Informa Porto (2006), que a UE tem desenvolvido um mercado comum através de um sistema padronizado de leis que se aplicam a todos os Estados-membros. As políticas da UE têm por objetivo assegurar a livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais, legislar assuntos comuns na justiça e manter políticas comuns de comércio, agricultura e pesca.

É importante destacar que a Comunidade Econômica Independente (CEI) constitui uma organização supranacional envolvendo 11 repúblicas que pertenciam à antiga União Soviética (Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Moldávia, Rússia, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão) fundada em 8 de dezembro de 1991.

O MERCOSUL é uma união aduaneira composta pelo Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, que foi instituída pelo Tratado de Assunção, tendo sido modificado posteriormente pelos Protocolos de Ouro Preto e Olivos.

Informa Santos et al. (2005) que o MERCOSUL surgiu principalmente, à necessidade de se promover a integração e o desenvolvimento econômico regional com vistas à diminuição das tensões geopolíticas regionais entre adversários históricos, a exemplo do Brasil e da Argentina.

No que diz respeito aos Tigres Asiáticos trata-se de um grupo de países, no qual encontram-se inseridos a Taiwan, a Cingapura e a Coreia do Sul, e estão em desenvolvimento com altas taxas de crescimento. A integração desses países visa o fim das barreiras alfandegárias e o desenvolvimento de novas tecnologias. Na

economia dos Tigres a grande característica de sua indústria é produzir produtos mais baratos com rígido controle de qualidade, principalmente produtos têxteis e eletrônicos.

No que diz respeito ao G-20 trata-se de um grupo formado por 19 países mais a União Europeia, que são atualmente as economias mais estratégicas do planeta, congregando ao mesmo tempo 2/3 da população mundial e mais de 80% da economia e do comércio mundial.

Ressalta Mineiro (2011) que o G-20 foi formado a partir da ampliação do G7, que passou para G8 depois da incorporação da Rússia. Os países que compõem o grupo são: Alemanha, África do Sul, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia do Sul, EUA, França, Índia, Indonésia, Inglaterra, Itália, Japão, México, Rússia, Turquia e a representação da União Europeia.

O G20 foi criado em seu formato inicial em 1999 para dar resposta aos países que vivenciavam no final dessa década uma profunda insatisfação com as diretrizes emanadas pelo FMI - Fundo Monetário Internacional diante das crises financeiras primeiro dos 'tigres asiáticos' (1997), e depois as crises mexicana (1997) russa (1998) e brasileira (1998) dentre as principais.

Pelo que foi demonstrado, o processo de globalização que se iniciou com a expansão da economia-mundo na Europa, oportunidade em que se estabeleceu relações mercantis com as demais economias-mundo, ele se desenvolveu nos quatro períodos/fases (Quadro 1) e nunca se interrompeu e continuará em constantes mudanças.

2.3 A GLOBALIZAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O processo de globalização desencadeou um conjunto de mudanças, que se fazem refletir sobre todos os setores, tanto na economia como fora dela. Assim, os reflexos e os impactos desse fenômeno em desenvolvimento, são sentidos sobre a educação, sobre o meio ambiente e a sociedade como um todo, definindo uma nova era na história do ser humano.

Na concepção de Souza (2000, p. 29):

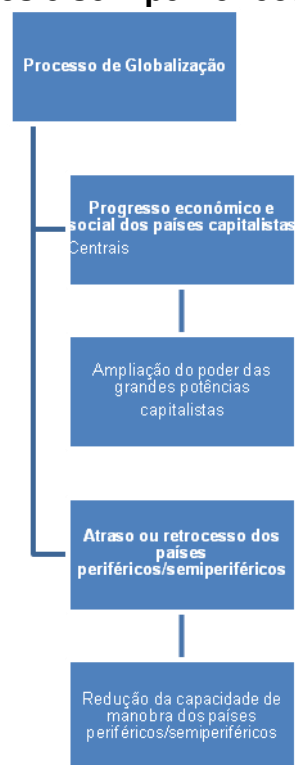
Longe de ser um processo apenas econômico, a globalização é também um processo social, entendendo a sociedade como um corpo social que influencia e é influenciado, no tempo e no espaço, por fenômenos

produzidos pelos próprios homens em sua relação em comunidade e com o meio físico onde vivem a partir de uma lógica dialética e complexa.

O desemprego é o grande problema dos países mais pobres. Estes, não somente perdem com a desvalorização das matérias-primas que exportam, mas também enfrentam os prejuízos provocados pelo atraso tecnológico, pela falta de informação.

Assim, constata-se que a globalização não beneficia a todos de maneira uniforme. A globalização produziu significativos impactos sobre o progresso econômico e social das economias dos países capitalistas centrais e de retrocesso ou atraso das economias periféricas ou semiperiféricas. A Figura 1 apresenta tais impactos.

FIGURA 1 - Impactos da globalização da economia mundial sobre os países capitalistas centrais, periféricos e semiperiféricos



Fonte: Adaptado de Carvalho; Silva (2000).

Analisando a Figura 1, pode-se constatar que o processo de globalização ampliou o poder das grandes potências capitalistas, ao mesmo tempo em que impôs a alguns países e regiões uma redução na promoção do desenvolvimento

econômico e social, produzindo, assim, impactos negativos no desenvolvimento socioeconômico.

Noutras palavras, com o processo de globalização, as empresas multinacionais dos países capitalistas desenvolvidos apresentam-se com um maior progresso econômico, ampliando seu poder tanto na esfera econômica, quanto na política internacional, ao ponto de passarem a determinar as regras do mercado mundial. À margem desse processo, as empresas dos países capitalistas periféricos/semiperiféricos apresentam-se com relativo atraso tecnológico, conseqüentemente com menores ganhos de mercado.

Analisando as conseqüências das mudanças produzidas pela globalização, Pinheiro (2001, p. 77) faz o seguinte comentário:

Atualmente, o mundo vem sofrendo grandes transformações num ritmo acelerado, nunca visto antes. O fenômeno da globalização tem exigido a formação de blocos de cooperação entre países de uma mesma região com objetivo de fortalecerem-se perante o mercado internacional. Se para países mais desenvolvidos esse cenário representa desafios difíceis, para países em desenvolvimento como Argentina, Brasil, México, Rússia e países asiáticos, este pode levá-los a problemas graves de desestruturação socioeconômica.

Nas últimas décadas, o comércio internacional alcançou um crescimento surpreendente, atingindo níveis sem precedentes. Esse novo cenário, prima pela formação de uma economia mundializada, que tem levado ao surgimento de blocos de cooperações ao mesmo tempo em que produz desestruturação socioeconômica em algumas partes do mundo.

Na concepção de Motta; Fontanive (2000, p. 3):

A brutal expansão das finanças, do comércio internacional e dos negócios transnacionais, impulsionados pela revolução tecnológica da informática e das telecomunicações, abriu fronteiras econômicas inusitadas e perspectivas de progresso inéditas. Por outro lado, a interligação dos mercados e a rapidez do fluxo de informações trouxe novas preocupações para as autoridades econômicas domésticas e para os organismos internacionais, em relação ao enfraquecimento da capacidade de intervenção dos governos na esfera macroeconômica e à possibilidade de coordenação de políticas no plano internacional para minimizar o efeito de crises sistêmicas e movimentos instabilizadores.

O que se percebe é que a globalização da economia tornou os mercados financeiros mais rápidos, de forma que os resultados dos impactos produzidos por esse processo na economia de um país (ou blocos de países) podem ser sentidos

em poucos dias, provocando perdas ou ganhos, dependendo da conjuntura econômica mundial.

Na opinião de Carvalho; Silva (2000, p. 273), "embora o caráter financeiro da globalização seja o mais evidente, o processo tem outros ângulos de análise, passando também por questões sociais e culturais".

O Quadro 2 apresenta os enfoques desencadeados pela globalização, numa abordagem econômica.

QUADRO 2 - Enfoques desencadeados pela globalização

ENFOQUES	DESCRIÇÃO
Enfoque Financeiro	A globalização produz o aumento do volume e/ou da velocidade de circulação dos recursos entre as diversas economias, superando as barreiras anteriormente impostas ao movimento internacional dos capitais, trazendo também o risco da especulação.
Enfoque Comercial	Com a globalização, a competição passa a ocorrer em escala mundial e não mais dentro de cada país.
Enfoque Produtivo	A globalização faz com que uma parcela crescente do valor adicionado seja gerado em estruturas de produção interligadas, localizadas em diversas partes do mundo.
Enfoque Institucional	Com a globalização, as relações entre os setores público e privado tendem a ser cada vez mais uniformes.
Enfoque da Governabilidade	A globalização retira graus de liberdade dos governos na condução das políticas fiscal, monetária, cambial, salarial, etc., reduzindo a soberania econômica e política das nações.

Fonte: Adaptado de Carvalho; Silva (2000, p. 273-274).

Analisando os enfoques apresentados no Quadro 2, pode-se afirmar que a globalização implica em consequências para diferentes setores. Deve-se também reconhecer que globalização é um processo paradoxo. Pois, ao mesmo tempo em

que os avanços científicos e tecnológicos vêm proporcionando ao ser humano a oportunidade de romper as fronteiras entre os países e os continentes, vê-se aumentar os contingentes de desempregados. No que diz respeito à produção de alimentos, nunca se produziu tanto e, ao mesmo tempo, nunca houve tanta gente faminta e vivendo em situação de vulnerabilidade social.

3 GLOBALIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO MUNDIAL

No presente capítulo promove-se uma abordagem sobre a globalização enquanto fenômeno em extensão, bem como se faz uma caracterização da economia globalizada, mostrando como esta se desenvolve no contexto atual.

3.1 GLOBALIZAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO EM EXTENSÃO

A globalização é um fenômeno que traz implicações não somente de natureza econômica. Por não conhecer fronteiras, a globalização transforma a sociedade e seus mais variados aspectos: sociais, políticos e culturais.

Ressaltam Amaral e Malo (2007, p. 703) que:

Apesar da extensão tomada na utilização do termo globalização há que se ressaltar o desconforto no seu emprego, tendo em vista que esse termo passa a ideia de uma situação definida, adquirida e generalizada. É verdade que a queda das barreiras comerciais, as desregulamentações dos mercados em especial financeiro, a queda dos custos dos transportes internacionais e o avanço tecnológico nas telecomunicações e na informática revolucionaram as noções de tempo, espaço e por consequência da comunicação, mas, rigorosamente, o termo globalização, tal como o senso comum nos faz passar não corresponde perfeitamente à realidade.

Nesse sentido, verifica-se que o termo globalização possui uma concepção bem mais ampla do que aquelas que comumente a ele são atribuídas. A grande verdade é que o desenvolvimento tecnológico ao possibilitar uma mais rápida difusão nas informações, também contribuiu para a expansão dos mercados, impondo aos Estados um processo de abertura de suas economias para uma mais fácil integralização no mundo globalizado.

Ainda segundo Amaral; Malo (2007), para que um possa realmente ingressar no mercado mundial, existem algumas posturas que seus governos devem adotar, dentre elas, podem ser destacadas as seguintes:

- a) autonomia do econômico vis-à-vis os valores éticos;
- b) desregulamentação de mercados;
- c) inflação zero;
- d) livre troca;
- e) presença mínima do Estado na economia.

Com base no exposto, verifica-se para ingressar no mercado mundial, redefinido pelo processo de globalização, os países interessados precisam cumprir algumas exigências e a principal delas é intervir menos na economia. E esta condição é resultante da abertura econômica que o estado tem que promover.

A Figura 2 mostra que com a globalização, as diferentes partes do mundo encontram-se interligadas entre si e que na atualidade, uma grande parte das pessoas mesmo distantes, interage entre si e realiza operações comerciais. Na globalização da economia, os mercados em todo o mundo se expandiram de forma significativa. Não se pensa mais no mercado local. Existe a necessidade da formação de blocos econômicos, bem como de uma maior interligação entre os mercados.

FIGURA 2 - Globalização: Um mundo interligado



Fonte: Sociedade Federativa Brasileira (2013)

Na opinião de Singer (2008, p. 19), "a globalização é um processo da divisão internacional do trabalho acompanhado em partes pelas diferenças de produtividades e de custos de produção entre países".

De certo ponto, a globalização é vista como sendo o fim das economias nacionais, partindo do princípio de que com o referido processo, o Estado-nação perde autonomia, buscando uma maior integração entre os mercados.

Apesar de existirem inúmeras definições para o termo globalização, Campos; Canavezes (2007, p. 10) afirmam que em suas múltiplas abordagens e definições, é possível perceber que a globalização apresenta os seguintes aspectos:

- trata-se de um processo à escala mundial, ou seja, transversal ao conjunto dos Estados-Nação que compõem o mundo;
- apresenta uma crescente interligação e interdependência entre Estados, organizações e indivíduos do mundo inteiro, não só na esfera das relações econômicas, mas também ao nível da interação social e política. Acontecimentos, decisões e atividades em determinada região do mundo têm significado e consequências em regiões muito distintas do globo.
- tem por característica a desterritorialização, ou seja, as relações entre os homens e entre instituições, sejam elas de natureza econômica, política ou cultural, tendem a desvincular-se das contingências do espaço;
- os desenvolvimentos tecnológicos que facilitam a comunicação entre pessoas e entre instituições e que facilitam a circulação de pessoas, bens e serviços, constituem um importante centro da globalização.

A principal conclusão que se pode retirar dos tópicos apresentados acima, diz respeito ao fato de que o processo de globalização se desenvolve em escala mundial, é caracterizado pela interdependência não somente em termos econômicos como também a nível sociopolítico. E, que a globalização faz com que a economia, ou melhor, as relações comerciais, ultrapassem as fronteiras geográficas estabelecidas para os estados, construindo um mercado global, cuja expansão vem sendo facilitada pelos avanços registrados no setor das comunicações.

Por outro lado, acrescentam Pires; Reis (2009), a globalização apresenta as seguintes características principais:

- a) a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos;
- b) a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais e não mais ideológicos;
- c) a revolução tecnológica nas comunicações;
- d) o surgimento da cultura de massa universal.

Assim, verifica-se que a globalização tem proporcionado o surgimento de corporações multinacionais o que tem proporcionado o surgimento de grandes blocos comerciais. E, que as novas tecnologias da informação e das comunicações

têm contribuído para o surgimento de uma nova cultura de massa, que também não encontra-se restrita aos limites geográficos estabelecidos para os países e continentes, assumindo, assim, um caráter global.

Uma compreensão melhor do termo globalização, segundo Leão (2004) pode ser proporcionada através dos seguintes elementos comuns:

- a) o domínio das finanças sobre a produção;
- b) a importância do conhecimento;
- c) o incremento da tecnologia;
- d) a influência das corporações multinacionais;
- e) a erosão do estado nacional.

Por sua própria natureza, a globalização altera a estrutura financeira e a criação do crédito, em escala planetária, o que representa o crescente domínio das finanças sobre a produção. Quanto ao incremento da tecnologia, percebe-se que cada vez mais existe a necessidade dos países acompanharem a corrida tecnológica, pois aqueles que assim não procederem estarão condenados a uma eterna dependência político-econômica.

No contexto atual, segundo o ETCGROUP (2012), na economia mundial, destacam-se 147 grandes empresas, que formam uma superentidade econômica. Tais multinacionais³ controlam 40% da economia mundial, concentrando dinheiro e poder. Essas informações foram apresentadas num estudo realizado pelo Instituto Federal de Tecnologia da Suíça, com sede em Zurique.

Nesta oportunidade, foram estudadas 43.060 multinacionais, selecionadas entre as 37 milhões de empresas registradas até 2007. Criou-se um modelo a partir das participações acionárias das empresas entre si e no final chegou-se um 'núcleo' de 1.318 corporações que estabelecem elos com 20 outras grandes empresas.

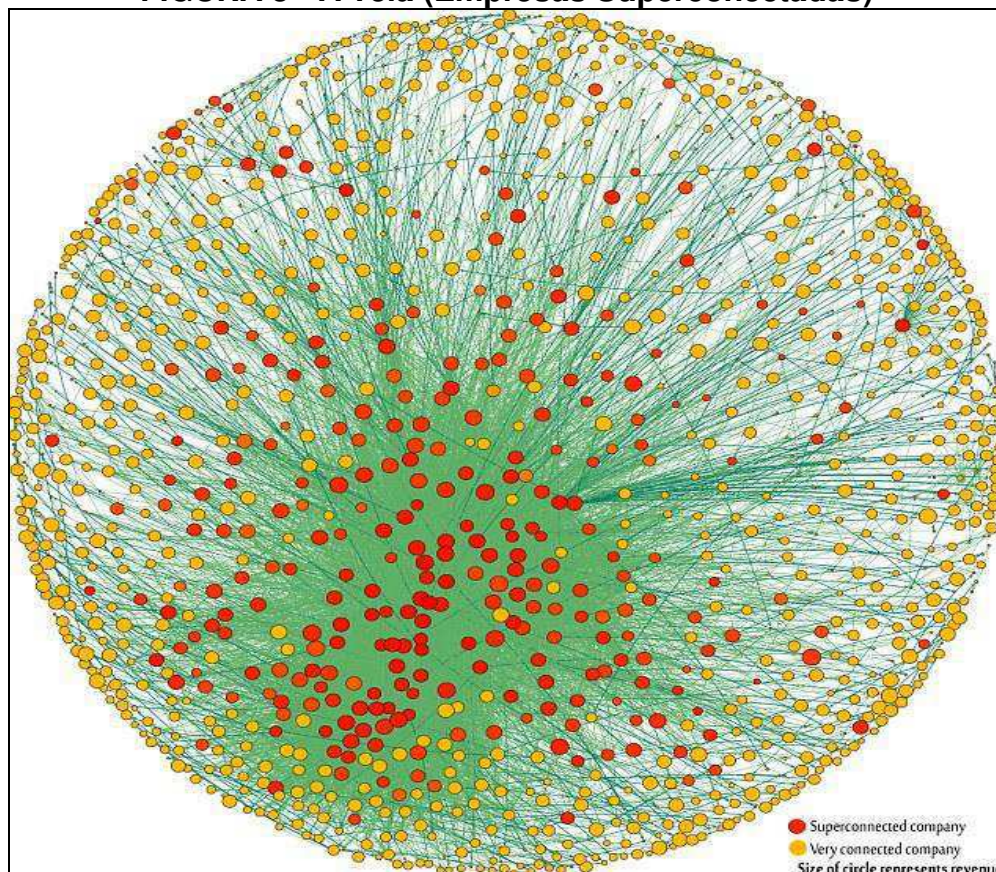
Acrescenta o ETCGROUP (2012) que essa rede constituída pelas 1.318 companhias detém a maior parcela dos lucros da economia mundial. E que as vinte

³ Empresas que operam em diversos países ao mesmo tempo. Por oferecerem um pacote de recursos sob a forma de investimentos, combinados com a capacitação gerencial, técnica e empresarial, as companhias transnacionais deram contribuição substancial ao crescimento, não apenas do comércio mundial visível (o qual, na década de 60, cresceu mais rapidamente que a produção mundial), mas também ao comércio invisível, isto é, maior fluxo de rendas sob a forma de lucros, juros e dividendos. A mobilidade do capital constitui a maior vantagem das transnacionais, através da sua flexibilidade de responder às condições nacionais, enquanto as expõe à crítica segundo a qual as transnacionais não têm lealdade a governo algum em áreas tão sensíveis como impostos - os quais podem ser facilmente evitados pela simples movimentação dos seus fundos de um lugar a outro. Reconhece-se largamente a necessidade de regulamentar as companhias transnacionais por algum código ou agência internacional (FARHAT, 2008).

maiores dessas corporações são bancos e seguradoras, estabelecidos nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Espanha e Itália. E, quando conseguiram estreitar ainda mais essa rede, os pesquisadores do Instituto Federal de Tecnologia da Suíça encontraram uma 'superentidade', que é formada por 147 empresas. Tal 'superentidade', embora congregue menos de 1% das multinacionais do mundo, controlam 40% da riqueza gerada pelas outras 42.913, lembrando que foram estudadas 43.060 multinacionais.

A partir destas conclusões os pesquisadores suíços criam uma representação gráfica, que ficou conhecida como a Teia, representando as organizações superconectadas existentes no mundo. A Figura 3 representa as 1.318 corporações que estabelecem elos com as maiores empresas do mundo.

FIGURA 3 - A Teia (Empresas Superconectadas)



Fonte: CARMONA (2012).

De acordo com a Figura 3, cada ponto representa uma empresa transnacional, de forma que os pontos vermelhos são as empresas superconectadas e os amarelos, as muito conectadas. E, o círculo em si, o dinheiro movimentado por todas empresas transnacionais. Essas corporações são tão conectadas entre si,

que, se uma se desestabiliza, os efeitos desse processo são sentidos pelas demais, num verdadeiro 'efeito dominó'.

O estudo realizado pelo Instituto Federal de Tecnologia da Suíça (IFTS) também demonstrou que as 10 corporações mais poderosas bancos e seguradoras, estabelecidas, principalmente, nos Estados Unidos, Reino Unido, França, Espanha e Itália. Quadro 3 apresenta as dez maiores multinacionais que controlam a economia mundial.

QUADRO 3 - As multinacionais que controlam a economia mundial

ORDEM	MULTINACIONAL	DESCRIÇÃO
10	Merrill Lynch & Co Inc (EUA)	A maior corretora de ações do mundo.
09	UBS AG (Suíça)	Empresa suíça de serviços financeiros, segundo maior gestor de riquezas particulares do mundo
08	Vanguard Group Inc (EUA)	Uma das maiores companhias de fundos de investimentos do mundo.
07	Legal & General Group PLC (Reino Unido)	Companhia de seguros, pensões e investimentos, com operações no Reino Unido, Holanda, França, Alemanha, EUA, Egito, Índia e Emirados Árabes.
06	JP Morgan Chase & Co (EUA)	Instituição bancária considerada a maior empresa do mundo. É uma <i>holding</i> , ou seja, administra conglomerados empresariais.
05	State Street Corporation (EUA)	É uma <i>holding</i> que administra o Banco State Street Bank and Trust Company e a Consultoria de Investimento State Street Global Advisors.
04	AXA (França)	Atua tanto como seguradora quanto como administradora de investimentos. É a nona maior multinacional do mundo.
03	FMR Corporation (EUA)	Instituição financeira que administra fundos familiares e de fundos mútuos.
	Capital Group	Agrupamento de várias empresas de

02	Companies Inc (EUA)	administração de investimentos (Bayer, Volkswagen, Telekom Austria Group e BYD).
01	Barclays PLC (Reino Unido)	Instituição de serviços financeiros com operações em mais de 50 países e mais de 48 milhões de clientes.

Fonte: CARMONA (2012)

Analisando o Quadro 3 constata-se que as dez maiores organizações multinacionais que controlam a economia mundial estão concentradas no setor financeiro, ou são instituições bancárias ou seguradoras. Algumas delas são definidas como *holding*, ou seja, são grandes corporações que administram conglomerados empresariais, como é o caso da State Street Corporation e da JP Morgan Chase & Co., ambas estabelecidas nos Estados Unidos.

Estas corporações multinacionais possuem um menor compromisso com os países que abrigam suas atividades, o que proporciona um maior poder de barganha junto aos governos locais. É importante destacar que algumas dessas corporações possuem mais influências do que muitos países, fato que contribui para a erosão do estado nacional, diminuindo o poder de regulação do próprio estado.

De acordo com Singer (2008), os maiores beneficiários da globalização são os grandes países emergentes, que detêm grandes economias de exportação, grande mercado interno e vêm conquistando espaços na economia mundial.

Esses países, objetivando conquistar o mercado internacional, passaram a redirecionar seus segmentos de produção para atender as necessidades externas. No entanto, as empresas multinacionais sediadas nesses países têm a preocupação de continuarem ocupando os espaços conquistados nos mercados internos.

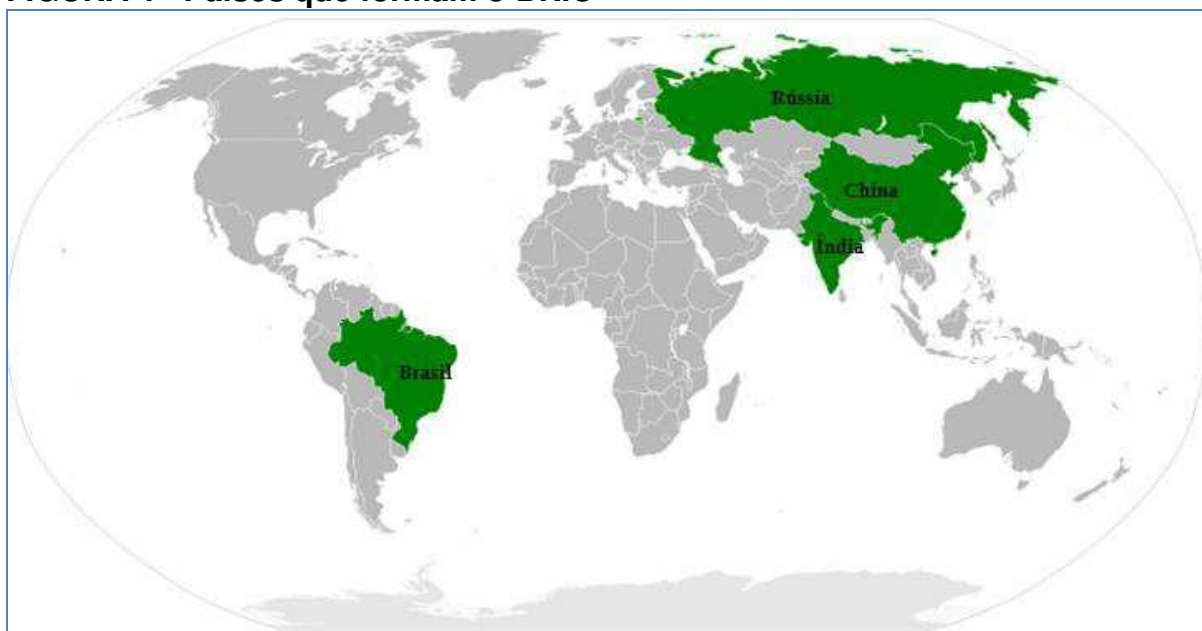
Informa Turner (2010), que a expressão países emergentes vem sendo utilizada em substituição ao termo 'país em desenvolvimento'. Assim, por países emergentes entende-se aqueles que apresentam grande potencial e que vêm se reordenando em vários aspectos, principalmente, quanto ao mercado e ao cenário político.

No contexto atual, os países emergentes apresentam uma alta taxa de crescimento econômico e isto é um dos fatores que contribui para que os mesmos consigam ampliar suas relações econômicas no exterior.

Acrescentam Turner (2010), que entre os países emergentes destacam-se o Brasil, a Rússia, a Índia e a China, que formam o grupo denominado de BRIC (sigla formada a partir dos nomes destes países), que se destacam no cenário mundial como países em desenvolvimento.

É importante destacar que a ordem na qual esses países aparecem na sigla BRIC, necessariamente, não diz respeito ao status que ocupam no cenário econômico internacional. A Figura 4 esboça os países que integram o chamado BRIC, apresentando suas localizações geográficas.

FIGURA 4 - Países que formam o BRIC



Fonte: Negreni (2012)

Analisando a Figura 4, constata-se que a maioria dos países emergentes encontra-se localizados na Ásia (Rússia, China e Índia) e que apenas um (o Brasil), localiza-se no ocidente, mais precisamente na América do Sul. No Quadro 2 apresenta as características dos principais países emergentes (BRIC).

QUADRO 4 - Características dos principais países emergentes

CATEGORIAS	BRASIL	RÚSSIA	ÍNDIA	CHINA
Área	5º	1º	7º	3º
População	5º	9º	2º	1º
PIB nominal	7º	11º	10º	2º
PIB (PPC)	8º	6º	4º	2º

Exportações	21 ^o	11 ^o	20 ^o	1 ^o
Importações	20 ^o	17 ^o	11 ^o	2 ^o
Balança comercial	187 ^o	4 ^o	182 ^o	1 ^o
Consumo de eletricidade	6 ^o	4 ^o	5 ^o	1 ^o
Automóvel per capita	65 ^o	51 ^o	114 ^o	72 ^o
Liberdade econômica	81 ^o	122 ^o	121 ^o	111 ^o
Produção de petróleo	9 ^o	1 ^o	23 ^o	5 ^o
Índice de Desenvolvimento Humano	84 ^o	66 ^o	134 ^o	101 ^o

Fonte: Negreni (2012)

Analisando o Quadro 4 constata-se que os países emergentes possuem características bem marcantes: A Rússia, a China, o Brasil e a Índia, nessa ordem, encontram-se entre os sete maiores países do mundo em extensão territorial. Em termos de população, a China e a Índia são os dois países mais populosos, ocupando a quinta e nona posições, o Brasil e a Rússia.

A China possui o segundo maior PIB nominal do mundo, bem como o segundo PIB (PPC); enquanto que os demais países do grupo ocupam posições privilegiadas nos mesmos cenários. Por outro lado, a China também lidera as exportações mundiais, sendo o segundo país que mais importa no mundo, cabendo ao Brasil a vigésima primeira colocação.

Em termos de balança comercial, observando ainda os dados apresentado no Quadro 4, verifica-se que a liderança mundial também fica com a China. No que diz respeito à produção de petróleo, a Rússia é o maior produtor mundial, ocupando a China o 5^o lugar e o Brasil, o 9^o. No entanto, a análise do Quadro 2 também permite concluir que os países que forma o BRIC não apresentam bons índices de desenvolvimento humano.

Registra Tuner (2010), embora a economia mundial seja controlada por dez grandes multinacionais, no cenário econômico atual tem se verificado a presença cada vez marcante de várias empresas multinacionais, que vêm sendo consideradas como desafiantes globais e que apresentam grande capacidade de competitividade, se levado em consideração as condições dos países, onde foram formadas.

Essas empresas possuem suas células embrionárias (matrizes), principalmente, nos chamados países emergentes, que compõe o grupo BRIC

(Brasil, Rússia, Índia e China) e vêm ampliando suas influências no mercado internacional.

Informam Spohr; Silveira (2015), que diversas são as fontes que evidenciam a importância crescente das novas multinacionais na economia global, com destaque para o Relatório do Boston Consulting Group.

É importante destacar que esse relatório analisa as cem maiores empresas desafiantes globais. Ele identifica as cem multinacionais que possuem origem em países emergentes e que apresentam potencial para desafiar as multinacionais tradicionais, constituídas nos países desenvolvidos e que vem controlando o mercado internacional há pelo menos três décadas.

Dissertando sobre a importância destas empresas desafiantes no novo cenário econômico, Fleury e Fleury (2007) afirmam que as multinacionais emergentes apresentam, dentre outras, as seguintes características:

- a) não possuem competência tecnológica;
- b) operam em ambientes extremamente turbulentos;
- c) são atrasadas em termos de capacitação gerencial;
- d) são empresas maduras e integradas que cresceram em mercados protegidos da competição internacional;
- e) utilizam intensamente recursos naturais e mão de obra barata.

Desta forma, percebe-se que as empresas multinacionais desafiantes globais possuem características que definem seus países de origem, ou seja, a condição de emergente (ou de países em desenvolvimento), com limitada competência tecnológica e grande utilização de mão de obra barata, como é o caso da China, onde grande parcela da população sobrevive com um subemprego. Geralmente, essas grandes desafiantes possuem origem em países de grande extensão territorial, com grande capacidade para o extrativismo vegetal e para a exploração de minerais.

O Quadro 5, apresenta o número de empresas multinacionais, consideradas desafiantes globais, por país.

QUADRO 5 - As 100 desafiantes globais por país de origem

País de origem	Nº de empresas	Nº de empresas	País de origem
China	36	Indonésia	2
Índia	20	Malásia	2

Brasil	14	Tailândia	2
México	7	Turquia	2
Rússia	6	Argentina	1
Emirados Árabes	4	Hungria	1
Chile	2	Kuwait	1

Fonte: Adaptado de Spohr; Silveira (2015)

Analisando o Quadro 5, constata-se que a China é o país que possui o maior número de empresas multinacionais (36), consideradas desafiantes globais, seguida pelo Índia (20) e pelo Brasil (14). E que a maioria destas organizações possui suas origens em países asiáticos. Verifica-se também que além do Brasil, apenas três países latinos americanos possuem organizações deste porte, são eles: México, Chile e Argentina.

Quando se verifica que 14% das empresas mais competitivas no contexto global são brasileiras, isto demonstra que o país, sem dúvida poderá vir a desfrutar em um papel de destaque no cenário macroeconômico internacional.

De acordo com Spohr; Silveira (2015), entre as cem maiores empresas multinacionais desafiantes, destacam-se as seguintes: AmBev, AngloGold, Arcelor-Mittal, Cemex, Coteminas, Duratex, Gazprom, Gerdau, Hindalco, HiSense, Indian Oil, Infosys, Lenovo, Lukoil, Mahindra & Mahindra, Petrobras, Sabó, Tata Steel, Tata Weg, Tigre, Vale, Wanxiang, Wipro, Embraer, Marcopolo, Huawei e Suzlon Energy.

É importante ressaltar que vários são os motivos que levam uma empresa a procurar atuar no mercado internacional. Dissertando sobre esses motivos, a UNCTAD apud Brasil (2009), relaciona os seguintes:

- a) busca de ativos já criados (por meio de fusões e aquisições);
- b) busca de eficiência (redução de custos, sobretudo de mão de obra);
- c) busca de mercados (acesso a mercados consumidores);
- d) busca de recursos (matérias-primas);
- e) outros motivos (objetivos estratégicos e políticos, redução de risco, hedging⁴ anticíclico).

⁴ Hedging: termo em inglês que significa 'salvaguarda'. No que diz respeito ao 'hedging anticíclico', trata-se de um mecanismo utilizado no mercado financeiro pelas empresas com o objetivo de protegerem suas commodities das flutuações de preços (FARHAT, 2008).

Assim sendo, percebe-se que a grande motivação para internacionalização, diz respeito, principalmente, à necessidade de captar novas tecnologias e ao acesso aos recursos naturais.

No entanto, o próprio Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (BRASIL, 2009), afirma que as empresas internacionalizam suas ações objetivando:

- a) acessar novos mercados para se beneficiar das economias de escala;
- b) adquirir e desenvolver novas competências de maneira a obter maior conhecimento das necessidades dos consumidores internacionais;
- c) contornar as restrições estabelecidas por barreiras tarifárias e não tarifárias;
- d) estar mais próximo do cliente final;
- e) explorar a competitividade em custos e diferenciação de produtos;
- f) reduzir o risco do negócio por meio da diversificação de mercados fornecedores e consumidores.

Outros fatores, a da saturação ou das baixas taxas de crescimento no mercado doméstico, também influenciam as empresas a se expandirem internacionalmente.

É importante registrar que o mercado internacional possui uma forte pressão de concorrência global e que isto produz vários obstáculos às empresas que pretendem nele operarem.

Por outro lado, a entrada e a operação em outros países além de ser um processo complexo, possuem grandes custos, de forma que o processo de internacionalização somente é viável se a empresa possuir algum tipo de vantagem específica à propriedade, "que permita a obtenção de lucro que compense o custo adicional de participação no mercado externo" (BRASIL, 2009, p. 8).

Assim, quando a multinacional passa a ser titular dessas vantagens, ela tem o seu processo de internacionalização facilitado.

As novas multinacionais (MNEs) apresentam algumas vantagens específicas, entre as quais Spohr; Silveira (2015) destacam as seguintes:

- a) Acesso privilegiado a recursos e mercados;
- b) Ativos intangíveis tradicionais;
- c) Produção e excelência operacional;
- d) Produtos adequados a mercados emergentes;

e) Vantagem da adversidade.

O Quadro 6 apresenta de forma detalhada as vantagens específicas das Novas Multinacionais com maiores detalhes.

QUADRO 6 - Vantagens específicas das MNEs

Vantagens	Características
Produtos adequados a mercados emergentes	Habilidade para adaptar tecnologia importada para desenvolver produtos que servem às necessidades dos consumidores locais, como produtos mais baratos.
Produção e excelência operacional	Habilidade de otimizar processos produtivos com mais trabalho e menos capital, usando recursos de forma eficiente. Plantas com tecnologias mais modernas e maior economia de escala.
Acesso privilegiado a recursos e mercados	Apoio do governo local na forma de acesso preferencial a mercados, regulamentações e acesso a capital, commodities.
Vantagem da adversidade	Habilidade de funcionar em condições difíceis (infraestrutura, política, instituições).
Ativos intangíveis tradicionais	Possibilidade de algumas novas MNE's operarem na fronteira tecnológica, serem first-movers em algumas indústrias e possuírem marcas globalmente reconhecidas. Ex.: Huawei, Petrobras, Embraer, Tata.

Fonte: Adaptado de Spohr; Silveira (2015, p. 5)

Com base no Quadro 6, verifica-se que um dos principais diferenciais apresentados pelas grandes empresas emergentes é a capacidade de adaptar tecnologia importada e a partir daí, desenvolver produtos capazes de atenderem às necessidades dos consumidores locais, de forma mais barata. E, que o fato de terem surgidas em países emergentes, proporcionou a essas empresas a habilidade de funcionar em condições difíceis.

Utilizando-se das vantagens acima enumeradas, as empresas emergentes passaram a construir um grupo de estratégias genéricas, objetivando conquistarem a internacionalização.

Tais estratégias são consideradas pelos economistas como verdadeiros tipos ideais weberianos, o que equivale a afirmar que nenhuma das empresas seguem as mesmas em sua essência. As empresas emergentes fazem uso destas estratégias em seus primeiros estágios de internacionalização.

Spohr; Silveira (2015) afirmam que para internacionalizarem suas ações, as empresas emergentes colocam em prática as seguintes estratégias:

- a) integrador vertical de recursos naturais;
- b) otimizador local;
- c) parceiro de baixo custo;
- d) consolidador global e first-mover global.

O Quadro 7 apresenta de forma detalhada as estratégias genéricas adotadas pelas MNEs, objetivando conquistarem a internacionalização.

QUADRO 7 - Estratégias adotadas pelas MNEs

Estratégia	Características	Exemplo
Integrador vertical de recursos naturais	É verticalmente integrada: realiza a extração, o processamento, a distribuição e o marketing. Em geral, é um país rico em recursos naturais ou que possui um grande mercado doméstico.	Gazprom, Lukoil, AngloGold, Indian Oil
Otimizador local	Otimiza produtos e processos devido a condições especiais do mercado, utilizando produtos com design adaptados aos consumidores de baixa renda.	Tigre, Duratex, HiSense, Mahindra & Mahindra, Tata
Parceiro de baixo Custo	Alavanca a vantagem de mão de obra barata para servir às necessidades de empresas sediadas em países ricos.	Weg, Coteminas, Sabó, Wanxiang, Infosys, Wipro
Consolidador global	Consolida indústrias começando pelo mercado doméstico, seguido de aquisições horizontais em mercados emergentes e culminando em aquisições em países desenvolvidos.	Petrobras, AmBev, Gerdau, Arcelor-Mittal, Lenovo, Cemex, Hindalco, Tata Steel, Vale

First-mover global	Cria um negócio global em uma nova indústria ou segmento e seu status de first-mover pode derivar de uma oportunidade antes pertencente a outras empresas, da implementação de um modelo de negócios inovador numa indústria existente.	Embraer, Marcopolo, Huawei, Suzlon Energy
--------------------	---	---

Fonte: Adaptado de Spohr; Silveira (2015, p. 6-7)

Analisando o Quadro 7, verifica-se estratégias elaboradas pelas MNEs para internacionalizarem suas ações, levaram em consideração o fato de que atuaram a princípio, em ambientes altamente regulados, que posteriormente foram rapidamente desregulados, exigindo destas empresas grandes habilidades de empreendedorismo institucional.

Outro fato importante a ser observado é que estas empresas por possuírem experiências com os governos instáveis de seus países de origem, encontram-se bem preparadas para obterem sucesso naqueles países onde existe um fraco ambiente institucional. Deve-se destacar que o processo de internacionalização das empresas traz também benefícios para seus países sede.

Dissertando sobre essa possibilidade, o próprio Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (BRASIL, 2009), afirma que a internacionalização permite às firmas:

- a) acesso a capital de baixo custo (ou menor custo que no país de origem);
- b) acesso facilitado aos sistemas de comercialização dos países receptores do investimento;
- c) diluição de riscos pela diversificação de mercados;
- d) maior disponibilidade financeira para reinvestimentos na produção e na inovação;
- e) menor dependência do mercado interno;
- f) proteção contra taxas de câmbio desfavoráveis;
- g) rápida adaptação dos produtos ofertados a mercados específicos.

Nesse sentido, percebe-se que são vários os benefícios proporcionados à empresa pelo processo de internacionalização de suas ações, benefícios estes que superam os obstáculos por acaso registrados nesse processo, o que serve como estimulante para as MNEs.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ECONOMIA GLOBALIZADA

A globalização da economia representa o ponto máximo do processo de mundialização das relações estabelecido entre as nações. Ela tem modificado a concepção e o papel dos estados nacionais, antes limitado a uma unidade territorial, sob o comando de uma autoridade política única, possuindo também uma economia de base nacional.

Dissertando sobre as mudanças produzidas nos estados nacionais pela globalização, Sousa (2000, p. 115) afirma que:

A ideia de globalização está associada a uma sensação de ruptura temporal: o momento atual não seria apenas decorrência e consequência do passado, mas um novo momento, fruto de uma reorganização produtiva internacional e de uma maior importância dos mercados financeiros, decorrente de sua maior integração e crescimento.

As barreiras comerciais começaram a cair na década de 1980, a partir do momento em que o desenvolvimento científico associou a tecnologia de informática à comunicação. A partir daquela época o mundo começou a ficar globalizado. Ao mesmo tempo em que ocorria esse processo, os mercados internacionais se aceleraram, possibilitando a movimentação de grandes quantias.

Peduzzi (2003, p. 23) também destaca que “a globalização age sobre países e regiões situados em patamares bem distintos”, produzindo inúmeras mazelas, difíceis de serem superadas, principalmente, nos países em desenvolvimento.

Na maioria das vezes, a dinâmica do processo de globalização é determinada pelo caráter desigual dos atores que participam de sua formação, de forma que os países desenvolvidos exercem uma grande influência sobre os países em desenvolvimento.

A globalização abre oportunidades de negócios para as empresas exportadoras e importadoras. Noutras palavras, com a globalização o mercado se expandiu. Atualmente, não se fala mais num mercado local, fale-se num mercado global.

De acordo com Lastres; Albagli (2009, p. 12):

A globalização tem implicado uma maior exposição das economias nacionais, bem como um maior condicionamento externo das políticas econômicas nacionais e, portanto, um menor grau de liberdade dos

governos nacionais (em particular face à acelerada globalização financeira ocorrida no último quartel do século XX).

Graças ao baixo custo da comunicação e às novas tecnologias, a globalização tem se caracterizado como sendo um fenômeno que produz ramificações em todos os setores, sejam estes industriais, de prestação de serviços, comerciais ou financeiras. E, a sua característica atual é a velocidade da informação pelo mundo, traduzindo-se, do ponto de vista tecnológico, em rapidez, barateamento e confiabilidade.

Na concepção de Pires; Reis (2009, p. 35), "o desenvolvimento tecnológico que permitiria o aumento da produtividade sem diminuir o número de empregos não encontra espaço no processo de globalização capitaneado pelo neoliberalismo".

A certeza que se tem com o processo de globalização, é que a mão de obra menos qualificada é descartada. No cenário econômico atual, somente existem espaços para profissionais qualificados. O processo de globalização vem impondo aos profissionais uma constante atualização de seus conhecimentos. Sem uma capacitação contínua, o profissional não consegue se manter no mercado de trabalho.

4 A COMPETITIVIDADE NA GLOBALIZAÇÃO

De certa forma a globalização tem produzido uma competitividade, tanto entre as empresas, quanto entre as pessoas. Cada mercado de trabalho torna-se mais competitivo. Por outro lado, no cenário dos negócios, a competitividade encontra-se associada à capacidade das empresas em produzirem bens econômicos com maior eficácia que os concorrentes, no que diz respeito a preços, produtividade, qualidade e tecnologia.

No presente Capítulo aborda-se as principais características da competitividade, apresenta-se as diferentes estruturas de mercado, conceituando-as e mostrando como as mesmas se formam.

4.1 ESTRUTURA DE MERCADO

Ao longo da evolução do mercado, ocorreu o estabelecimento da chamada concorrência, que se configura como sendo uma situação onde as empresas competem entre si, sem, contudo, gozassem de nenhum privilégio, sejam estes jurídicos ou econômicos. Era a chamada livre concorrência.

Entretanto, segundo Silva (2010), à medida em que os monopólios e os oligopólios foram surgindo, a livre concorrência começou a desaparecer, dando lugar a concorrência controlada e imperfeita.

Para melhor entender a estrutura de mercado, é necessário que se faça uma rápida abordagem sobre as suas formas de organização.

De acordo com Amaral (2007, p. 73):

O monopólio é uma situação de mercado em que existe um só produtor de um bem ou serviço que não tenha substituto próximo. Devido a isso, o monopolista exerce grande influência na determinação do preço a ser cobrado pelo seu produto. De fato, iremos verificar que o monopolista é um formador de preço. Isto significa que o monopolista tem a capacidade de escolher o preço do produto.

O monopólio é uma das formas de organização de mercado existente nas economias capitalistas. Ele existe quando determinada empresa passa dominar a oferta de determinado produto ou serviço que, na região de sua atuação, não tem

substituto. Acrescentam Downes; Goodman (2003, p. 87) que o monopólio constitui no:

[...] controle da produção e distribuição de um produto ou serviço por uma empresa ou grupo de empresas agindo em concerto. Em sua forma pura, o monopólio, que se caracteriza pela falta de competição, provoca preços altos e uma falta geral de reação às necessidades e desejos do consumidor.

As empresas monopolistas controlam o mercado, evitando a entrada de outras empresas no setor. Como geralmente são de grandes portes, as empresas monopolistas dominam determinados setores do mercado, formando verdadeiras barreiras que impedem a entrada de qualquer concorrente.

Na maioria dos países, existem leis proibindo o monopólio. No entanto, segundo Sandroni (2009), pelas exigências do próprio mercado, as empresas são levadas a exercerem práticas monopolistas, disfarçando o domínio do mercado através de cartéis, consórcios, trustes, além de outras formas. Acrescenta ainda o autor que monopólio pode apresentar-se sob as seguintes modalidades: monopólio espacial, estatal e natural. A análise do Quadro 8 permite um melhor entendimento acerca das diferentes modalidades de monopólios.

QUADRO 8 - Modalidades de monopólio

MODALIDADE	DESCRIÇÃO
MONOPÓLIO ESPACIAL	Situação de mercado na qual um monopólio existe porque, em certa região, os serviços de transporte e as vias de comunicação são tão precários que nenhum concorrente pode vender seus produtos a preços competitivos em relação à empresa que produz os mesmos artigos e abastece essa região por ter sua planta instalada nela.
MONOPÓLIO ESTATAL	Monopólio criado pela legislação, atribuindo ao Estado a exclusividade no desenvolvimento de determinadas atividades.
MONOPÓLIO NATURAL	Situação de mercado em que o tamanho ótimo de instalação e produção de uma empresa seria suficientemente grande para atender a todo o mercado, de forma que existiria espaço para apenas uma empresa.

Fonte: Adaptado de Sandroni (2009, p. 409).

Analisando o Quadro 8, percebe-se que o monopólio pode surgir de forma natural ou ser pensado pelas próprias organizações. E, que existem aquelas situações onde o monopólio é estimulado e/ou promovido pelo próprio Estado, absorvendo a denominação de estatal ou público, porém legalmente não seja permitido.

Assim, o monopólio espacial é projetado, enquanto que o natural tem sua existência determinada pela demanda, que por ser bastante pequena, é totalmente coberta por apenas uma empresa. Quanto ao público ou estatal, este é operado ou estritamente regulado pelo governo. Na primeira situação, tem-se o exemplo dos correios e na segunda, o das empresas de serviços públicos, que garantem o fornecimento dos produtos e serviços essenciais a preços aceitáveis.

No caso específico do Brasil, informa Franco (2004), que a Constituição de 1988 limitou ao estado o desenvolvimento das seguintes atividades:

- a) importação e exportação dos produtos e derivados básicos resultantes das atividades mencionadas anteriormente;
- b) pesquisa e a lavra das jazidas de petróleo e gás natural e demais hidrocarburetos fluidos;
- c) pesquisa, a lavra, o enriquecimento, o reprocessamento, a industrialização e o comércio de minérios e minerais nucleares e seus derivados.
- d) refinação do petróleo nacional ou estrangeiro;
- e) transporte marítimo do petróleo bruto de origem nacional ou de derivados básicos de petróleo produzidos no país.

Em determinadas situações, o monopólio pode tornar-se bilateral, ou seja, quando um só vendedor depara-se com um só comprador. No mercado existem poucos casos deste tipo. No entanto, Sousa (2008, p. 48) apresenta o seguinte exemplo de monopólio bilateral:

[...] A Bom Bril compra um tipo de aço que apenas a Siderúrgica Belgo Mineira produz. O preço de mercado dependerá do poder de barganha de cada uma. Outro exemplo é, numa cidade relativamente isolada, existe apenas uma fábrica, que se defronta com um único sindicato de trabalhadores;

O monopólio bilateral somente se caracteriza quando existe uma empresa vendendo determinado produto e um único comprador para esta mercadoria. É

importante frisar que tem-se um monopólio de forma pura quando existe uma concorrência perfeita no mercado. E tais situações são raras.

De acordo com Downes; Goodman (2003, p. 364), o oligopólio é uma "situação de mercado em que um pequeno número de empresas vendedoras controla a oferta de mercado de determinado bem ou serviço e, portanto, pode controlar o preço de mercado".

Complementando esse pensamento, afirma Sousa (2008, p. 46) que:

O poder exercido pelas grandes firmas dominantes inibe a entrada de novas empresas no oligopólio, que se caracteriza principalmente pela existência de um número reduzido de produtores e vendedores, produzindo produtos que são substituídos próximos entre si.

O oligopólio se caracteriza por ser uma estrutura de mercado na qual um pequeno número de firmas controla a oferta de um determinado bem ou serviço. Um perfeito exemplo de oligopólio é a indústria automobilística, que possui reduzido número de firmas.

De acordo como Amaral (2007, p. 76):

O oligopólio é a forma de mercado que atualmente prevalece nas economias do mundo ocidental. Ele pode ser conceituado como uma estrutura de mercado em que um pequeno número de firmas controla a oferta de um determinado bem ou serviço.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o oligopólio na indústria automobilística é formado pela General Motors, Ford e pela Chrisler. Estas empresas dominam completamente o mercado, visto que nenhuma organização representa ameaça para este império. Já a indústria de equipamentos elétricos é dominada pela General Eletric e pela Westing house, enquanto que a indústria de latas para conservas é controlada pela American Can e pela Continental Can.

Ainda segundo Downes; Goodman (2003, p. 364):

Como cada empresa membro de um oligopólio conhece sua fatia no mercado para o produto ou serviço que produz ou fornece, e como qualquer mudança no preço ou na participação de mercado por uma empresa se reflete nas vendas das outras, tende a haver alto grau de interdependência entre elas; cada uma delas deve tomar suas decisões de preço e produção levando em consideração as reações dos demais membros do oligopólio, de tal forma que seus preços, uma vez estabelecidos, sejam rígidos. Isso incentiva a competitividade não baseada em preços mas, sim, em

publicidade, embalagem e serviço - uma forma de alocação de recursos geralmente não produtiva.

Por sua vez, a determinação do índice de concentração da indústria, permite identificar se uma indústria é um oligopólio ou não. No Brasil, as montadoras de veículos, as indústrias de aço, de fumo e de bebidas, são consideradas como oligopolistas.

Ressalta Sandroni (2009, p. 431) que:

Os defensores do oligopólio argumentam que, devido ao grande porte das empresas, elas teriam maior capacidade de investimento na pesquisa por produtos novos e melhores e, devido à economia de escala, poderiam oferecer preços mais baixos. Um membro de um oligopólio, contudo, dificilmente baixa seus preços, pois sabe que será imediatamente seguido pelos demais, ficando então com a mesma fatia do mercado e lucros menores.

O oligopólio se desenvolve nos setores que existem grande volume de investimentos, principalmente, na indústria automobilística e de produtos tecnológicos. Nesse cenário, a competição se estabelecer mais no plano do marketing.

De acordo com Passos; Nogami (2004), as organizações oligopolistas apresentam os seguintes elementos:

a) Existência de poucas firmas: para ocorrer a caracterização do oligopólio o número de indústrias deve ser pequeno, e que tais indústria levem em consideração e tenham reações quanto às decisões de preço e produção de outras;

b) Produto homogêneo ou diferenciado: o oligopólio pode ser puro (quando os concorrentes ofereçam um produto homogêneo) ou diferenciado (quando os produtos não sejam homogêneos).

Exemplos de oligopólios puros podem ser citados as indústrias de cimento, de alumínio, de cobre, aço, etc. E, nos diferenciados pode-se citar as indústria automobilística e de cigarros, cujos produtos, embora semelhantes, não são idênticos.

De acordo com Amaral (2007, p. 76) que:

O oligopólio é a forma de mercado que atualmente prevalece nas economias do mundo ocidental. Ele pode ser conceituado como uma estrutura de mercado em que um pequeno número de firmas controla a oferta de um determinado bem ou serviço.

Na prática, o oligopólio representa a fusão de poucas empresas de grande porte com o objetivo de eliminar outras empresas no mercado. É importante destacar que à semelhança do que ocorre no monopólio, existem barreiras que favorecem o surgimento do oligopólio, impedindo a entrada de novas firmas na indústria.

Acrescenta ainda Sousa (2008, p. 47) que:

Exemplo clássico de oligopólio é o mercado de bolas de tênis. Ao comprar bolas de tênis observa-se que há quatro marcas: Wilson, Penn, Dunlop ou Spalding. Tais marcas são produzidas por quatro empresas americanas que determina a quantidade de bolas de tênis produzidas e o preço pelo qual serão vendidas. Outro exemplo é do mercado mundial de petróleo cru, em que alguns países do Oriente Médio controlam boa parte das reservas mundiais.

Desta forma, percebe-se que os oligopólios são estruturas bastantes poderosas, capazes de controlarem o mercado mundial de um certo produto, determinando seu preço, a quantidade de seu fornecimento. Ao oligopólio encontra-se associada outra forma de organização de mercado: o *dumping*, que consiste na venda de produtos a preços inferiores aos custos, objetivando, exclusivamente eliminar os concorrentes e/ou conquistar uma maior fatia de mercado.

Segundo Downes; Goodman (2003) o *dumping* pode ser temporário, ou seja, é utilizado somente por um determinado período de tempo, o suficiente para que o país necessita para comercializar os excedentes de determinados produtos, sem, contudo, prejudicar os preços praticados em seu mercado interno.

Deve-se ressaltar que no mercado internacional, às vezes, essa prática torna-se persistente quando determinados países oferecem subsídios, objetivando aumentar as exportações. Entre as estrutura de mercado também existem aquelas modalidades que podem ser consideradas como competições imperfeitas, nas quais, destaca-se o monopsônio.

De acordo com Sousa (2008, p. 47):

Monopsônio é caracterizado pela existência de muitos vendedores e um único comprador, podendo também prevalecer no mercado de trabalho, como no caso de uma empresa que se instala em uma pequena cidade do interior e, por ser única, torna-se demandante exclusiva da mão de obra local. Desse modo, ou os trabalhadores empregam-se no monopsônio ou vão trabalhar em outra localidade.

Pelo demonstrado, o monopsônio constitui uma forma de mercado, que possui um único comprador (monopsonista), havendo, portanto, inúmeros vendedores. Desta forma, pode-se concluir que o monopsônio constitui uma situação inversa ao monopólio, que é caracterizado pela existência de um vendedor e vários compradores.

Por outro lado, informa ainda Sousa (2008, p. 47-48) que:

O oligopsônio será observado sempre que uma pequena parte do número de compradores (não importando o tamanho do grupo) é responsável por uma parcela bastante significativa das compras ocorridas no mercado. Portanto, oligopsônio é [...] um tipo de competição imperfeita, inverso ao caso do oligopólio, onde existem apenas alguns vendedores e vários compradores.

Na economia, os ganhos dos monopsonistas estão condicionados à elasticidade da oferta, situação esta que também ocorre com o oligopsônio, definido como sendo uma estrutura de mercado que apresenta poucas empresas, de grande porte, voltada para a compra de um determinado produto (matéria prima).

O que diferencia o monopsônio do oligopsônio é o fato de que nesta última estrutura de mercado, a compra é promovida por uns poucos, enquanto que para o monopsônio caracteriza-se pela existência de um único comprador.

Um perfeito exemplo de oligopsônio é a indústria automobilística, que é constituída por um pequeno número de empresas e produzem para atender uma grande parcela da população mundial. Os oligopsonistas adquirem poder de mercado porque são capazes de influenciarem os preços estabelecidos para determinados produtos, estando seus ganhos condicionados à elasticidade da oferta.

Acrescenta ainda Sandroni (2009), que o oligopsônio pode se apresentar das seguintes formas:

a) um mercado comprador muito concentrado, com poucas e grandes empresas que negociam com muitos pequenos produtores (comum no relacionamento entre indústrias alimentícias e seus fornecedores);

b) um mercado consumidor concentrado e um mercado vendedor também concentrado, com poucos e grandes produtores.

Sempre que existem mercados consumidores e vendedores concentrados, tem-se o que em economia denomina-se oligopsônio bilateral. Esta situação ocorre

quando determinadas indústrias vendem sua produção para indústrias de grande porte ou para grandes distribuidores. Outra importante forma de organização de mercado é o cartel, para cujo termo existem diversas definições.

Falco; Assis; Munck (2010, p. 123) afirmam que:

Por cartel, entende-se a formação de uma 'união', contando, até mesmo com a possibilidade de ser firmado um acordo (por sua vez, ilegal) entre empresas diferentes que apresentam interesses comuns. Todavia, essa união coordenada entre empresas distintas, pode resultar no alcance de um monopólio de mercado de modo a possibilitar o controle da produção e das condições de venda para atender ou, até mesmo limitar uma demanda específica.

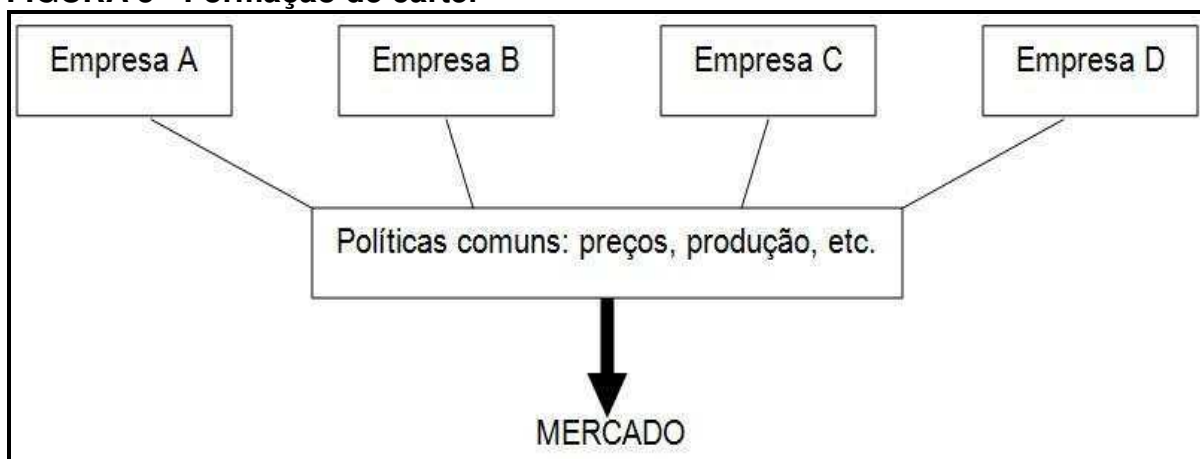
Na formação de um cartel, as empresas envolvidas combinam entre si um determinado preço, que mantido de forma a possibilitar entre os participantes uma maior parcela das vendas. Desta forma, existe uma divisão de mercado, onde as regras estabelecidas são respeitadas.

Para Silva (2001), a formação de um cartel é estabelecida por diferentes produtores que atuam (ou objetivam atuar) em um mesmo setor de mercado.

No entanto, segundo Falco; Assis; Munck (2010), um cartel também pode surgir a partir do interesse comum de um determinado grupo de diferentes empresas para controlar a determinação de preços e a fixação das margens de lucro sobre um determinado bem que oferecem em comum.

A Figura 5 apresenta como se estruturam os cartéis para a prática de políticas comuns.

FIGURA 5 - Formação de cartel



Fonte: FALCO; ASSIS; MUNCK (2010)

Analisando a Figura 5, constata-se que no cartel, diferentes empresas se associam entre si para praticarem os mesmos preços para o determinado produto, gerando consequências negativas para os consumidores, em razão da eliminação da concorrência e da fixação dos preços construídos artificialmente.

Quando o cartel é de compradores, existe o controle das fontes de matéria-prima, que também exercem o controle do nível de produção e das condições de venda. No caso específico dos cartéis de (re)vendedores, existe a fixação e controle de preços. As empresas envolvidas nesse tipo de cartel fixam as suas próprias margens de lucros e dividem entre si o mercado.

Destaca Sousa (2008, p. 46) que "o cartel age como um monopolista: procura dimensionar o nível da oferta global no ponto em que se igualem os custos marginais e a receita marginal; o preço, portanto, será o de monopólio, caso o cartel abranja todos os concorrentes".

Definido como sendo um fenômeno normal nas economias capitalistas, os cartéis quando atuam internamente, se configuram como monopólio. E por essa razão são proibidos.

Ainda segundo Falco; Assis; Munck (2010, p. 124):

[...] os cartéis no Brasil provocam prejuízos de centenas de bilhões de reais por ano. Para se ter uma ideia, entre 1999 a 2009, os acordos que se caracterizaram em cartéis geraram uma multa estimada em 1 bilhão de reais em 73 empresas. De 2007 a 2009, 34 pessoas foram presas e 100 pessoas estão sendo processadas pela acusação de crime de cartel. Estes dados mostram que o país está tentando fortemente punir a formação de cartéis.

No Brasil, um exemplo comum da prática de cartel é a política de preços levada a cargo pelos revendedores de combustíveis (postos de gasolina), que, com grande frequência são desarticulados pelo Ministério Público, PROCON, Receitas Estaduais, etc. No entanto, os cartéis também existem entre países, que fazem um acordo com a finalidade de influenciar os preços, monopolizando a produção e comercialização de um produto.

Segundo Downes; Goodman (2003, p. 87), "o cartel contemporâneo mais famoso é a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), que, principalmente durante os anos 70, conseguiu restringir a produção e venda de petróleo e aumentar os preços".

É importante destacar que a principal diferença entre o cartel e o monopólio, é que este último detém de um maior controle sobre o setor de atividade, no qual se desenvolve. Por outro lado, quando se fala em truste está se referindo àquela estrutura empresarial, na qual, várias empresas, já detendo a maior parte de um mercado, combinam-se ou fundem-se para assegurar esse controle, estabelecendo preços elevados que lhes garantam elevadas margens de lucro.

De acordo com Falco; Assis; Munck (2010), entre os maiores trustes com atuação na economia mundial, destacam-se: Exxon (ex-Standard Oil); Ford; General Motors; McDonalds; Pepsi; Esso e Coca-cola.

No contexto global, apenas a Pepsi se interpõe contra a Coca-cola, por desfrutar da mesma condição, ou seja, por ser um truste⁵. Por outro lado, entre as empresas brasileiras, são exemplos de trustes a Companhia Vale do Rio Doce, Ipiranga, a Petrobras, Bradesco, além dos grupos Globo, Sílvio Santos e Votorantim. Recentemente, a Sadia e a Perdigão se fundiram formando um truste horizontal, voltado para o ramo frigorífico (a Brasil Foods).

É importante destacar que com certa frequência, o termo truste é usado de forma errada como sinônimo de cartel. Deve-se também registrar que vários países têm editado leis proibindo a formação de trustes e de cartéis, objetivando evitar que a população sofra prejuízos de ordem econômica. No entanto, tais leis não suprem o efeito esperado.

4.2 OS SETORES ECONÔMICOS E O PIB BRASILEIRO

A atividade econômica é dinâmica e ocorrem em diferentes setores, que envolvem, principalmente, a produção, as atividades comerciais e os serviços, de forma que cada um desses setores exercem uma importância relativa no produto total da economia de um país.

De acordo com Carneiro (2006), existem três setores básicos na economia de um país. São eles:

5 Truste: Tipo de estrutura empresarial na qual várias empresas, já detendo a maior parte de um mercado, combinam-se ou fundem-se para assegurar esse controle, estabelecendo preços elevados que lhes garantam elevadas margens de lucro. Os trustes têm sido proibidos em vários países, mas a eficácia dessa proibição não é muito grande (SANDRONI, 2009, p. 616).

a) setor primário: reúne as atividades agropecuárias e extrativas (vegetais e minerais).

b) setor secundário: engloba a produção de bens físicos por meio da transformação de matérias-primas, realizada pelo trabalho humano com o auxílio de máquinas e ferramentas;

c) setor terciário: abrange os serviços em geral (comércio, armazenagem, transportes, sistema bancário, saúde, educação, telecomunicações, fornecimento de energia elétrica, serviços de água e esgoto e administração pública).

De forma sintetizada, o Quadro 9 apresenta as atividades que compõem os setores econômicos e suas respectivas estruturas.

QUADRO 9 - Setores econômicos e suas respectivas estruturas

ATIVIDADES	COMPOSIÇÃO
Atividade de agropecuária	É composta por lavoura permanente, lavoura temporária, pecuária, horticultura, extrativismo vegetal, silvicultura, investimentos em formação de matas plantadas e lavouras permanentes, pesca, indústria rural, produção particular do pessoal residente no meio rural e serviços agropecuários.
Atividade de indústria	É constituída por extrativismo mineral, indústria de transformação, construção civil e serviços industriais de utilidade pública.
Atividade de prestação de serviços	É formada por comércio, alojamento e alimentação, transportes, comunicações, serviços financeiros, atividades imobiliárias e serviços prestados às empresas, administração pública e demais serviços.

Fonte: Adaptado do IBGE (2004).

É importante frisar que o setor secundário inclui toda a produção fabril, a construção civil e a geração de energia e que nas economias subdesenvolvidas, predominam as atividades primárias, sendo precário o desenvolvimento dos setores secundário e terciário. Estes, por sua vez, são mais presentes nos países desenvolvidos.

De acordo com Considera; Medina (2008, p. 37) definem o PIB como o desenvolvimento registrado nesses setores que contribui para o aumento do PIB

(Produto Interno Bruto), que por sua vez constitui "o produto ou valor adicionado gerado no território econômico de um país ou região por residentes".

Completando esse pensamento, afirma o próprio IBGE (2004), que o PIB é obtido em valores correntes, por estimativa. E, que nesse cálculo, entram os valores adicionados das operações da Agropecuária, da Indústria, dos Serviços, da Administração Pública, bem como participação do *dummy* financeiro⁶, somada aos impostos sobre produtos. O Quadro 10 apresenta o desenvolvimento do PIB e a participação setorial relativa, correspondente ao período de 2001 a 2011.

QUADRO 10 - PIB: Participação setorial relativa

SETOR	HISTÓRICO		
	2001-2005	2006-2010	2011
Agropecuária	6,0	5,9	5,9
Indústria	28,2	27,2	27,0
Serviços	65,8	66,9	67,1
% PIB INDÚSTRIA			
Extrativo Mineral	7,9	8,8	11,1
Transformação	61,4	58,2	59,8
Construção Civil	19,1	19,6	20,3
Prod. e dist. de água, elet. e gás	11,6	12,2	11,8

Fonte: IBGE (2012).

Analisando os dados contidos no Quadro 10, percebe-se que entre os setores da economia brasileira, apenas o setor de serviços apresentou um pequeno crescimento em sua participação no PIB, no período de 2001 a 2011, passando de 65,8% para 67,1%. No entanto, o mesmo não ocorrendo com a agropecuária e a indústria. Tais setores tiveram suas participações reduzidas de 6,0% para 5,9% e de 28,2% para 27,0%, respectivamente, no citado período.

Por outro lado, quando se toma de forma individualizada os diferentes setores da indústria brasileira, verifica-se que a sua participação nos seus diferentes

⁶ Dummy financeiro: representa o diferencial entre os juros recebidos e os pagos, isto é, juros imputados como receita às instituições financeiras que não correspondem ao valor efetivo gerado nessa atividade (SANDRONI, 2009).

setores teve um comportamento diferente, em relação ao PIB, no período de 2001 a 2011.

Por sua vez, os dados apresentados no Quadro 10 demonstram que o setor de extrativismo mineral foi o que teve o maior crescimento em sua participação no PIB, passando de 7,9% para 10,0%, apresentando um crescimento de 26,58% o que representa um acréscimo de 2,1% em termos reais na participação do PIB.

4.3 SETORES ECONÔMICOS BRASILEIROS FRENTE À GLOBALIZAÇÃO

Especificamente no Brasil, os impactos da globalização sobre o setor primário foram mais fortes nas atividades agrícolas. Informa Carneiro (2006), que no Brasil, os efeitos da globalização sobre as atividades agrícolas podem ser decompostos em vários fenômenos interconectados, dentre os quais destacam-se:

a) O aumento da mecanização nas atividades primárias, sustentada pelo forte crescimento da indústria nacional de máquinas agrícolas;

b) A queda das barreiras alfandegárias a partir do início da década de 1990.

Se por um lado, ocorreram benefícios também registraram-se prejuízos. No caso do aumento da mecanização das atividades agrícolas, produziu uma gradativa diminuição do emprego agrícola, à medida que ocorreu o aumento de produtividade. Agregue-se a este fato a contínua migração de populações originárias de áreas rurais empobrecidas em direção aos grandes centros urbano-industriais do país. Com a globalização, foi o setor terciário o que mais se desenvolveu no Brasil e no mundo. Essa expansão foi fruto das mudanças evolutivas verificadas no século XX, que fizeram com que esse setor passasse a empregar um maior número de pessoas.

Informa Matos (2014) que no Brasil, o setor de serviços gera mais da metade da renda nacional, pois corresponde a 54% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2012. Fazem parte desse ramo o comércio, o turismo, os serviços financeiros, jurídicos, de informática, comunicação, engenharia, auditoria, consultoria, propaganda e publicidade, seguro, corretagem, transporte e armazenagem, além das atividades públicas e privadas de defesa, segurança, saúde e educação, entre outros.

Afirma Alves (2002), que em relação ao setor secundário, o processo de globalização trouxe a incorporação de novas tecnologias, exigindo profissionais assalariados qualificados capazes de executar cada vez mais atividades de trabalho.

No entanto, essa não foi a única implicação, alguns impactos negativos foram verificados e a indústria brasileira teve que promover um movimento adaptativo para se adequar a nova realidade. Esse processo de readequação pendurou até 2006, consolidando-se no ano seguinte.

Dissertando sobre o fortalecimento da indústria brasileira frente ao processo de globalização, Giambiagi; Barros (2008, p. 315) fazem o seguinte comentário:

Diante da melhora observada, a confiança do empresário industrial vem aumentando nos últimos anos, conforme tem sido capturado por várias sondagens. Essa evolução, por sua vez, tem favorecido os investimentos produtivos. Entretanto, ao contrário do que os mentores da tese desindustrialização advogam, o maior volume de investimentos não está concentrado [...].

Nos últimos anos, o setor industrial brasileiro que tem recebido mais investimentos é direcionado para o mercado doméstico. Mesmo assim, esses investimentos não têm reduzido as exportações de bens manufaturados.

Abordando ainda o desempenho do setor secundário a partir da abertura da economia brasileira, Giambiagi; Barros (2008, p. 317) destacam que "o setor secundário tem atraído cerca de 40% do total de IDE (investimentos diretos externos) destinado ao Brasil (média dos últimos anos), mas não há dúvidas de que também pode se beneficiar da parcela majoritária desses ingressos".

Desta forma, verifica-se que o setor secundário brasileiro tem apresentado um significado crescimento, frente ao processo de globalização. A verdade é que o referido setor passou por um processo de desindustrialização, tendo se adequado ao cenário globalizado, apresentando, na atualidade, um bom desempenho e condições de competitividade.

4.4 OS IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO SOBRE O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

O agronegócio pode ser definido como o conjunto de todas as operações e transações envolvidas desde a fabricação dos insumos agropecuários até o processamento e distribuição dos alimentos, passando pelo setor de produção,

estabelecendo uma visão mais ampla - de cadeia produtiva - para o segmento rural. Compreende um conjunto de atividades que se articulam progressivamente desde os insumos básicos até o produto final, incluindo distribuição e comercialização, constituindo-se em elos de uma corrente. Pode ser caracterizado como um sistema complexo, do qual fazem parte os mais diversos segmentos: fornecedores de insumos e equipamentos, produtores rurais, processadores agroindustriais, distribuidores, atacado, varejo e consumidor, além do ambiente institucional (leis, regulamentos, políticas governamentais, etc.) e os serviços de apoio, como transporte, armazenagem, informações de mercado e outros (Abramovay, 1992).

A natural vocação do Brasil para o agronegócio e sua inserção no mercado internacional vêm crescendo e destacando-se nas contas nacionais, como demonstram a balança de pagamentos e o Produto Interno Bruto. Atualmente o agronegócio contribui com 30% do PIB brasileiro, algo em torno de R\$ 300 bilhões, representa 37% do total das exportações e emprega cerca de 52% da população economicamente ativa do país, números que revelam a sua importância, constituindo-se como excepcional nicho de oportunidades para as empresas nele inseridas. Na Bahia, o agronegócio também demonstra um vigoroso processo de desenvolvimento. Nos últimos 04 anos o setor vem esboçando movimentos que indicam mudanças relevantes na dinâmica do seu crescimento, reorganização dos segmentos com gradativa substituição de atividades tradicionais por novas explorações, deslocamento da fronteira agrícola com melhor aproveitamento de áreas e redefinição das vocações agrícolas nas distintas regiões econômicas do Estado, resultando na introdução de inovações tecnológicas na produção primária (Capra, 2005).

A relevância deste mercado, conforme descrito, e a globalização da economia, fenômeno que derruba fronteiras e define uma nova ordem para a gestão dos negócios em todos os segmentos, impõem ao agronegócio brasileiro uma revisão completa de suas práticas e conceitos. Com a abertura do mercado mundial, as empresas envolvidas com o agronegócio no Brasil deparam com padrões de concorrência que exigem competência e vantagens competitivas em termos de custo, qualidade dos produtos e estratégias mercadológicas.

Diante dessa nova ordem, a eficácia gerencial passou a ser um dos fatores decisivos para a sustentação e conquista de novas fronteiras de mercado. Essa eficácia implica vários aspectos de natureza operacional, dentre elas, a implantação

de um processo de modernização e profissionalização na administração das empresas que atuam no setor. O mundo empresarial não é mais apenas o mundo dos negócios. Ele é o ambiente em que as organizações estão inseridas. As preocupações passaram a ser com a macroeconomia, a política, os negócios e barreiras internacionais, os concorrentes fora e dentro do país, os “novos” concorrentes que incluem produtos substitutos e empresas transacionais, as novas tecnologias que obsoletam produtos e processos ditos como eficazes. A velocidade e a intensidade das mudanças estão a exigir uma nova postura de gestão de organizações que enfrente com sucesso o ambiente de transformações e que busquem modelos que permitam antecipar-se e diferenciar-se diante do mercado. Entender a fazenda apenas como um modelo fornecedor de matéria prima, desconectada dos outros momentos de transformação, não cabe mais. É imperativo adquirir a visão sistêmica de produção e comercialização, buscar eficácia, de forma a favorecer a relação custo/benefício e permanecer competitivo (Capra, 2005).

O agronegócio passa a ser encarado como um sistema de elos interdependentes, onde a eficiência da cadeia depende da competitividade de cada elo. O produtor rural, seja ele pequeno ou grande, conhecendo o seu lugar dentro da cadeia produtiva, será capaz de tomar decisões importantes para a viabilização do seu negócio, que estão relacionadas a: o que, quando, quanto e para quem produzir. Com este modelo, o gerente é o mercado e o dono é o consumidor (Elias, 2003).

Uma das características da gestão contemporânea é a visão de totalidade do negócio, onde o todo é maior do que a soma de suas partes. A visão tradicional, em contrapartida, concentra-se nos elementos do sistema, como segmentos independentes de um todo que não se vê. O resultado é míope e sua ótica desconsidera o que há de mais importante num sistema: o mecanismo de interação entre os vários elementos que o compõem e, mais do que isso, os efeitos que as mudanças de um elemento podem trazer ao sistema como um todo (Capra, 2005).

Somente a visão ampla e total permite a gestão efetiva, na medida em que prioriza o ajuste dos mecanismos de interação, sem o qual torna-se impossível a coordenação do sistema. Administrar o negócio rural sob o enfoque de cadeia produtiva, permite inúmeras vantagens, tais como : - identificação das debilidades e potencialidades nos elos; - motivação e articulação solidária entre elos; - identificação dos gargalos, elos faltantes e estrangulamentos; - identificação dos elos mais dinâmicos, em adição à compreensão dos mercados, que trazem

movimento às transações na cadeia; - identificação dos fatores e condicionantes da competitividade em cada segmento (Elias, 2003).

O enfoque sistêmico assegura a compreensão de problemas de desempenho dentro de uma perspectiva de interdependência entre segmentos. Esta visão permitirá também a proposição de medidas corretivas direcionadas aos problemas efetivos identificados, e não aos sintomas aparentes. Lidar mais profissionalmente com esta entidade chamada mercado é uma necessidade imperiosa colocada para todos os setores do agronegócio, sobretudo para aquele inserido “dentro da porteira”. É preciso ser absolutamente hábil no momento mais crucial de qualquer processo produtivo, o da comercialização, é fundamental saber vender bem, buscando, inclusive, a utilização de mecanismos de comercialização que possibilitem vender primeiro e produzir depois, como, por exemplo, a Cédula de Produto Rural – CPR e os Mercados Futuros e de Opções. Neste cenário ditado pela competição, aumento de produtividade, tecnologia auto-sustentável e achatamento das margens, velhos paradigmas começam a desaparecer, especialmente aquele que definia o Estado como o grande controlador do setor agropecuário nacional (Altieri, 2004).

Não obstante, é evidente que o equilíbrio do sistema, ou melhor, a sua competitividade de longo prazo, depende muito da estabilidade das políticas macroeconômicas do governo (inflação, impostos, juros, câmbio). Mas, é inequívoco que a força do mercado é o atual paradigma estabelecido, e novos instrumentos de gestão estão surgindo, oferecendo outra perspectiva para o segmento. O desafio da eficiência está lançado, é preponderante que neste processo de gestão do agronegócio, todos os segmentos envolvidos atuem em sintonia com a teia global aí estabelecida, imprescindível para a sobrevivência.

O produtor rural, seja ele pequeno ou grande, conhecendo o seu lugar dentro da cadeia produtiva, será capaz de tomar decisões importantes para a viabilização do seu negócio, que estão relacionadas a: o que, quando, quanto e para quem produzir. Com este modelo, o gerente é o mercado e o dono é o consumidor.

Lidar mais profissionalmente com esta entidade chamada mercado é uma necessidade imperiosa colocada para todos os elos das cadeias produtivas do agronegócio, sobretudo para aquele inserido “dentro da porteira”.

É preciso ser absolutamente hábil no momento mais crucial de qualquer processo produtivo, o da comercialização, é fundamental saber vender bem,

buscando, inclusive, a utilização de mecanismos de comercialização que possibilitem vender primeiro e produzir depois, como, por exemplo, a Cédula de Produto Rural – CPR e os Mercados Futuros e de Opções.

Neste cenário ditado pela competição, aumento de produtividade, tecnologia auto-sustentável e achatamento das margens, velhos paradigmas começam a desaparecer, especialmente aquele que definia o Estado como o grande controlador do setor agropecuário nacional. Não obstante, é evidente que o equilíbrio do sistema, ou melhor, a sua competitividade de longo prazo, depende muito da estabilidade das políticas macroeconômicas do governo (inflação, impostos, juros, câmbio). Mas, é inequívoco que a força do mercado é o atual paradigma estabelecido, e novos instrumentos de gestão estão surgindo, oferecendo outra perspectiva para o segmento (Capra, 2005).

O desafio da eficiência está lançado, é preponderante que neste processo de gestão do agronegócio, todos os segmentos envolvidos atuem em sintonia com a teia global aí estabelecida, imprescindível para a sobrevivência.

Em meio ao capitalismo, os comunistas remanescentes alienados a grupos missionários, buscam através dos movimentos sociais e ambientais se manterem na liderança ideológica do daí a mim o vosso reino. Os SOCIALISTAS na justificativa de que a Política Socialista é a garantia da sobrevivência dos pobres, e os AMBIENTALISTAS, afirmando que o simples extrativismo e a salvação da biodiversidade do planeta (Altieri, 2004).

Alienados estes Ambientalistas e Socialistas se originaram dos homens que viviam explorando as riquezas naturais, ignoram a política de investimento de capital, de trabalho e da ciência tecnológica no sistema produtivo, como se a mãe natureza por si só, reproduza alimento para toda nação (Elias, 2003).

Isolados estes ambientalistas integrantes de meia dúzia de ONGs internacionais, continuam explorando novas aldeias indígenas existente nas florestas, com a desculpa de civilizar e evangelizar. De outro lado lideranças Socialistas escravizam os trabalhadores, explorando as tarifas sindicais que se somam aos milhões de reais dos Governos destinados aos sindicatos de trabalhadores para manter a sobrevivência da ideologia de seus líderes, que vivem distante da realidade de quem trabalha e produz.

O AGRONEGÓCIO é responsável pela transformação do mundo nas ultimas décadas, concordamos que sim. Até porque os homens ricos e pobres se

multiplicaram, chegaram nos anos de 1800 somando cerca de 1 bilhão de pessoas e em meio a toda biodiversidade, sem qualquer agrotóxico, grande parte deles morreram as mínguas (Alteiri, 2004).

O mundo se transformou nas últimas décadas,...Sim,e como mudou!!! Hoje a população mundial beira os 7 bilhões de habitantes e graças ao processo científico e tecnológico adotado pelo AGRONEGÓCIO BRASILEIRO, o País está sendo considerado o seleiro do mundo, e através do mercado globalizado tem importado insumos para produzir e exportado alimentos com qualidade e sanidade (Altieri, 2004).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da presente pesquisa ficou demonstrado que o cenário econômico mundial transformou-se e ampliou-se muito no século XX, impulsionado pelo progresso registrado tanto nos transportes, quanto nos meios de comunicação. Do ponto de vista econômico, o desenvolvimento trouxe novas práticas de produção, comercialização e consumo de bens e serviços, estabelecendo uma nova dinâmica política.

Por outro lado, constatou-se também que foi a partir da década de 1990 que o mundo como um todo, tornou-se mais globalizado, produzindo significativas mudanças nos setores econômicos, principalmente, nos países considerados emergentes, nos quais, algumas grandes empresas após consolidassem no mercado interno, adquiriram características transnacionais e passaram a serem vistas como novas desafiantes globais, como é o caso das empresas AmBev, Anglogold, Arcelor-Mittal, Cemex, Coteminas, Duratex, Gazprom, Gerdau, Hindalco, HiSense, Indian Oil, Infosys, Lenovo, Lukoil, Mahindra & Mahindra, Petrobras, Sabó, Tatá Steel, Tatá Weg, Tigre, Vale, Wanxiang, Wipro, Embraer, Marcopolo, Huawei e Suzlon Energy, que se destacam entre as demais.

Constatou-se que no Brasil os efeitos da globalização foram mais fortes sobre o setor agrícola. Contudo, não quer dizer que este processo não tenha também trazido implicações para outros setores da economia brasileira. A queda das barreiras alfandegárias em muito contribuiu para modificar os aspectos que até então vinham sendo apresentados pelos setores produtivos nacionais, mostrando a estes que precisam ser mais competitivos, frente às exigências do mercado mundial.

6 REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo/Campinas: Hucitec/Editora da Unicamp, 1992.
- ALCOFORADO, Fernando. **Globalização e desenvolvimento**. 7. ed. São Paulo: Nobel, 2006.
- ALTIERI, Mi. **Agroecologia** – A dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- ALVES, Geraldo. Trabalho e sindicalismo no Brasil: um balanço crítico da década neoliberal. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, p. 71-94, nov. 2002.
- AMARAL, Jair Fialho, MALO, Maria Cristina Pereira de. Globalização ou metamorfose do capitalismo. In: Encontro Nacional de Economia, 25, **Anais**, v. 2. Recife, ANPEC, 2007.
- AMARAL, Manoel Francisco do. Estruturas de mercado. **Revista Econômica**, v. 12, n. 3, p. 70-79, out.-dez., 2007.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Termo de referência**: internacionalização de empresas brasileiras. Brasília: MDIC, 2009.
- CAMPOS, Luís; CANAVEZES, Sara. **Introdução à globalização**. Lisboa: Instituto Bento Jesus Caraça/Departamento de Formação da CGTP-IN, 2007.
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**. Ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Pensamento-Cutrix, 2005.
- CARMONA; Ernesto. **147 transnacionais controlam a economia mundial**. 2012. Disponível em: <http://www.esquerda.net/artigo/147-transnacionais-controlam-economia-mundial/25262>. Acesso: 31 jan 2017.
- CARNEIRO, Maria J. Pluriatividade da agricultura no Brasil: uma reflexão crítica. In: SCHNEIDER, Sérgio (Org.) **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- CARVALHO, Maria Auxiliadora de; SILVA, César Roberto Leite da. **Economia internacional**. São Paulo: Saraiva, 2000.
- CONSIDERA, Cláudio Monteiro; MEDINA, Mérida H. PIB por unidade da Federação: Valores Correntes e constantes. **Texto para Discussão nº 610**. Rio de Janeiro: IPEA, 2008.
- DOWNES, Jonh; GOODMAN, Jordan Elliott. **Dicionário de termos financeiros e de investimento**. São Paulo: Nobel, 2003.
- ELIAS, D. **Globalização e agricultura**. São Paulo: Edusp, 2003.

ETCGROUP. Grupo de ação sobre erosão, tecnologia e concentração. **Quem vai controlar a economia verde?** Rio de Janeiro: Centro Ecológico, 2012.

FALCO, Gláucia de Paula; ASSIS, Frederico Azevedo Alvim; MUNCK, Joyce Gonçalves Altaf. Formação de cartéis e impactos econômicos. **Revista das Faculdades Integradas Vianna Júnior**, v, 1, n. 2, p. 123-131, 2010.

FARHAT, Said. **Empresas multinacionais e transnacionais**. 2008. Disponível em: www.politicaecidadania.com.br. Acesso: 31 mar 2017.

FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza Leme. **Estratégias empresariais e formação de competitividade**: Um quebra cabeça caleudiscópico da indústria brasileira. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

FRANCO, Paulo César Ribeiro. **Modelo institucional do setor petrolífero nacional e possíveis alterações**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2004.

GIAMBIAGI, Fabio; BARROS, Octávio de. **Brasil globalizado**: o Brasil em um mundo surpreendente. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

IBGE. Inst. Bras. de Geog. e Est. **Produto interno bruto dos municípios**. IBGE, Coordenação de Contas Nacionais. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

_____. **PIB**: Participação setorial relativa. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LASTRES, H. M. M.; ALBAGLI, Sarita (org). **Informação e globalização na era do conhecimento**. 5 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

LEÃO, Renato Zerbini Ribeiro. Fenômeno da globalização: uma breve análise a partir da América Latina. **Universitas - Relações Int.**, Brasília, v. 2, n.1, p. 103-115, jan./jun. 2004.

LEMOS, Cristina. **Globalização**. São Paulo: Diel, 2007.

MATOS, José Mário. O poder do Estado em regular as relações econômicas. In: BERCOVICI, Gilberto. **Constituição econômica e desenvolvimento**: Uma leitura a partir da Constituição de 1988. São Paulo: Malheiros, 2012.

MINEIRO, Adhemar. **O Brasil e o G20 financeiro**. São Paulo: Oxfam, 2011.

MOTTA, João Ricardo Santos Torres da; FONTANIVE, Vicente Marcos. **A tributação em face da globalização**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2000.

NEGRENI, Carlos. **BRIC**: a nova força da economia mundial. (2012). Disponível em: <http://www.gazetadosmunicipios.com.br/?p=6335>. Acesso: 31 jan 2017.

PASSOS, Carlos R. M.; NOGAMI, Otto. **Economia**. 4. ed. São Paulo: IOB Thomson, 2004.

PEDUZZI, Maria Cristina Irigoyen. Globalização, integração de mercados, repercussões sociais: perspectivas do direito do trabalho no Brasil. **Rev. TST**, Brasília, v. 69, n. 1, p. 21-39, jan/jun, 2003.

PINHEIRO, Juliano Lima. **Mercado de capitais**: fundamentos e técnicas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PIRES, Marília Freitas de Campos; REIS, José Roberto Tozoni. **Globalização, neoliberalismo e universidade**: algumas considerações. 5 ed. São Paulo: Interface, 2009.

PORTO, Manuel Carlos Lopes. **Teoria e políticas de integração na União Europeia e no MERCOSUL**. Rio de Janeiro: FGB, 2006.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo dicionário de economia**. 5 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 2009.

SANTOS, Tânia Steren dos. Globalização e exclusão: a dialética da mundialização do capital. **Sociologias**, v. 4, n. 6, p. 170-198, 2001.

SANTOS, Theotônio dos; MARTINS, Carlos Eduardo; SÁ Fernando; BRUCKMANN, Mônica. **Globalização e integração das Américas**. São Paulo: Loyola, 2005.

SILVA, Ana Lucia Gonçalves da. **Concorrência sob condições oligopolísticas**: Contribuição das análises centradas no grau de atomização/concentração dos mercados. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp. IE, 2010.

SILVA, Christian Luiz da. Competitividade: mais que um objetivo, uma necessidade. **Revista FAEBUSINESS**, n. 1, p. 1-3, nov., 2001.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOUSA, Simone Letícia Severo e. **Regime jurídico da concorrência**: as diferenças entre concorrência desleal e infração à ordem econômica. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2008.

SOUZA, Anderson Barboza de. **Globalização**: algumas reflexões. Rio de Janeiro: CPDA/UFRJ: 2000.

SPOHR, Nicole; SILVEIRA, Franciane Freitas. **Estratégia internacional de uma multinacional emergente brasileira do setor de frigoríficos**: o caso JBS. Simpoi, Anais, 2015.

TURNER, Najun Azario Flato. **Bolsa, sem stress**. São Paulo: Baraúna, 2010.